

Relatos de Intercâmbio



Relatos de
ex-intercambistas
da UFJF

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Expediente



Reitor: Marcus Vinicius David

Vice-reitora: Girlene da Silva

DIRETORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Diretor: Anderson Bastos Martins

SECRETARIA EXECUTIVA - DRI/UFJF

Organizadora e revisora do e-book

Nilcilea Peixoto

Organizador e Diagramador:

Vítor Hugo Terra

Contatos:

intercambio.dri@ufjf.br,

internationaloffice@ufjf.br

CONTEÚDO

- 3** **PREFÁCIO**
Anderson Bastos Martins
- 10** **PARTE 1**
- 12** **UM SEMESTRE NA CORÉIA DO SUL**
Jeferson Martins
- 14** **NOVE MESES EM CUENCA,**
Letícia Ribeiro do Valle Arruda Câmara
- 17** **UM SEMESTRE NA TEMPLE UNIVERSITY**
João Pedro Peters
- 20** **UM SEMESTRE NA TOMSK POLYTECHNIS**
UNIVERSITY
Fabrício Lima da Silva
- 22** **QUATRO ESTAÇÕES EM PASSAU**
Fernando Santana de Paiva
- 25** **MEU INTERCÂMBIO EM BOCHUM**
Iago de Almeida Oliveira
- 28** **UM SEMESTRE NA UNIVERSITÉ DE**
TECHNOLOGIE DE COMPIÈGNE
Bruno Eduard de Oliveira Brugnara
- 34** **UMA BREVE VIDA EM BESANÇON**
Jaqueline de Oliveira Moreira
- 37** **SEIS MESES EM BESANÇON**
Marianna Oliveira Sales Esperidião

- 41** **UM SEMESTRE NA KUIS**
Charlie Milo Bergo
- 43** **MINHA EXPERIÊNCIA NO JAPÃO (2019 - 2020)**
Laís Silveira Martins
- 45** **A IMPORTÂNCIA DO INTERCÂMBIO**
Hugo Nogueira Rocha
- 48** **DOIS SEMESTRES EM PORTOALEGRE**
Beatriz Corrêa Thomé de Deus
- 50** **DEZ MESES EM COVILHÃ**
Bianca Maciente Colvara
- 55** **UM SEMESTRE EM ÉVORA**
Eliza Feres de Moura Botelho
- 60** **DOIS SEMESTRES NO MINHO**
Igor Sanches Marini
- 64** **UM SEMESTRE EM INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE**
Letícia da Silva Fernandes
- 66** **UM ANO EM FARO**
Luma Perobeli
- 68** **SONHO REALIZADO**
Maria Clara Alves de Rezende Rocha
- 71** **UM SEMESTRE EM COIMBRA**
Maria Eduarda Pereira dos Santos
- 73** **DOIS SEMESTRES EM COVILHÃ**
Maria Fernanda Sena Gusmão
- 74** **UM SEMESTRE EM ALGARVE**
Paola Cumani Brion

76 **PARTE 2**

77 **História, cultura e paisagens incríveis:
aluna conta sobre intercâmbio em
Portugal**

82 **Já pensou em fazer intercâmbio na
Rússia? Esse é o destino do estudante
Henrique Ayres**

88 **Meio mundo de distância**

91 **Aluna divide experiência de intercâmbio com
vídeos direto da Polônia**

95 **Em intercâmbio, aluno estuda direito
italiano e participa de reunião na ONU**

98 **Aluna Vitória Acerbi conta como é respirar
história e vivenciar o atual momento
político da Espanha**

102 **Alemanha além da Oktoberfest: aluno relata
experiência de intercâmbio**

107 **Crédito das imagens**

“Tome o leitor as páginas seguintes como desafio e convite. Viaje segundo seu projecto próprio, dê mínimos ouvidos à facilidade dos itinerários cômodos e de rastro pisado, aceite enganar-se na estrada e voltar atrás, ou, pelo contrário, persevere até encontrar saídas desacostumadas para o mundo. Não terá melhor viagem.”

SARAMAGO, José. Viagem a Portugal. Companhia das Letras, 1997.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos(as) que dedicaram o seu tempo escrevendo o relato solicitado para que este e-book se tornasse possível.



"Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração. "

Poema de Sete Faces. Alguma poesia (1930)
Carlos Drummond de Andrade

PREFÁCIO

O mundo é muito pequeno

Quantas vezes ouvimos e dissemos essa frase em nossas vidas? E quantas vezes nos detivemos para refletir sobre a inverdade que ela suscita? Porque, na realidade, o mundo é muito grande. Além de espantoso e fascinante, ao mesmo tempo tentador e assustador. E o mundo sempre será infinitamente maior que o pequeno círculo em que nascemos e de onde pensamos sobre essa realidade um tanto distante e abstrata que chamamos justamente de “mundo”.

Fui estudante de graduação na primeira metade dos anos 1990, tendo chegado à universidade a partir de um contexto social e familiar extremamente reduzido e limitado. Naquele período, costumávamos associar a ideia de intercâmbio no exterior a oportunidades disponíveis apenas a um grupo pequeno de jovens nascidos em famílias endinheiradas ou a filhos de membros de grupos filantrópicos internacionais. Por essa razão, a maioria de nós não se dava o luxo de sequer contemplar a noção de passar um período de estudos e de experiências culturais no exterior.

Passados trinta anos, não se pode dizer que esse cenário tenha sido radicalmente alterado. E é justamente por essa razão que a Universidade Federal de Juiz de Fora se destaca por manter o seu prestigioso Programa de Intercâmbio Internacional de Graduação (PIIGRAD). Por meio desse programa, centenas de estudantes de nossa universidade puderam ter a experiência singular de perceber o mundo como realmente vasto, porém não tão distante quanto somos ensinados a pensar. Através dos diversos convênios e acordos de cooperação firmados pela UFJF e muitas instituições estrangeiras de ensino e pesquisa, e também por intermédio de uma política de bolsas de intercâmbio no exterior, a Instituição cumpre um papel fundamental na formação de seus estudantes em duas frentes indissociáveis, a saber, o preparo para a futura ação profissional e para a cidadania num planeta cada vez mais globalizado.

Eu me tornei diretor de Relações Internacionais da UFJF no auge da pandemia de Covid-19, em fevereiro de 2021. Naquele momento, as fronteiras entre os países haviam-se tornado barreiras de medo e ansiedade. A própria ideia de mobilidade internacional, que representa o coração das relações internacionais interinstitucionais, encontrava-se abalada em suas bases de sustentação.

No entanto, tínhamos um grande contingente de estudantes aprovados no último edital de intercâmbio lançado antes da pandemia. Estava claro que aquele seria o maior desafio para a equipe da Diretoria naquele momento. Com a chegada das vacinas contra o vírus causador da pandemia, lentamente fomos conseguindo iniciar ações que permitiram a retomada das ações intercambistas na instituição. Em 2022, após um longo hiato de três anos, voltamos a lançar um processo seletivo de PIIGRAD, confiantes de que, gradualmente, a UFJF será capaz de se recolocar como ponte entre sua comunidade discente e o mundo gigantesco que nos chama a conhecê-lo e experimentá-lo.

Neste e-book, que inclui relatos inspiradores de alunos e ex-alunos que tiveram a oportunidade de realizar o intercâmbio de graduação via PIIGRAD, apresentamos uma amostra do universo de infinitas possibilidades que se descortina a todas e todos que vivenciam essa experiência ímpar. Esperamos que os leitores se motivem a sonhar com a chance de serem os próximos intercambistas representando nossa universidade no exterior.

E finalizo este breve prefácio agradecendo, muito especialmente, a equipe de técnicos administrativos em educação que compõem o quadro de servidores da Diretoria de Relações Internacionais. Além disso, um agradecimento de toda a nossa equipe pelo apoio que a Administração Superior da UFJF nos oferece em nossas ações e iniciativas de internacionalização.

Desejamos assim, a todas e todos, uma excelente leitura.

Anderson Bastos Martins
Diretor de Relações Internacionais

Parte 1

Os relatos a seguir são de estudantes da UFJF após o término do período de mobilidade internacional.



Coreia do Sul



"미래는 예고 없이 찾아오며, 우리가 할 수 있는 일은 기억을 손에 쥐고 새로운 단계로 나아가는 것뿐입니다. 마음은 원하는 것만을 유지합니다. 기억에 의해 불러일으킨 이미지는 우리의 삶과 혼동되며, 우리나라 다른 사람들의 기억이 정말로 일어난 일인 것처럼 믿어서는 안 됩니다."

"엄마를 부탁해" (Eomma-reul Butakhae). SHIN, Kyung-Sook

"O futuro surge sem aviso, e tudo o que podemos fazer é pegar nossas memórias e entrar em um novo estágio. A mente retém apenas o que quer. As imagens evocadas pela nossa memória confundem-se com a nossa vida; não devemos acreditar que nossas memórias ou as memórias dos outros realmente aconteceram" (Por favor, cuide da mamãe) SHIN, Kyung-Sook. Tradução livre.

UM SEMESTRE NA COREIA DO SUL

Jeferson Martins

A ideia de visitar outro país, conhecer uma nova cultura e criar uma rede de contato com pesquisadores internacionais sempre foi muito atrativa para a minha carreira acadêmica. Depois de muito preparo, tive a oportunidade de realizar um intercâmbio na Hankuk University of Foreign Studies, na Coreia do Sul, por meio do Programa de Intercâmbio Internacional de Graduação (PIIGRAD) da UFJF. Durante seis meses, tive a chance de aprender uma nova língua, me aprofundar na cultura coreana e ter experiências enriquecedoras não somente para a minha vida profissional, como também na esfera pessoal. Além disso, a universidade recebia muitos estudantes das mais variadas partes do mundo, o que me deu a chance de fazer amizades com pessoas de nacionalidades, costumes e religiões completamente diferentes.

Acredito que a bolsa de intercâmbio do PIIGRAD teve um papel fundamental na minha vida. Não somente por ter vivido momentos memoráveis e conhecido lugares e pessoas e incríveis, mas também por ter enriquecido meu currículo e ter sido uma ponte para o futuro da minha carreira acadêmica. Durante o meu tempo na Coreia, tive a oportunidade de expandir meus horizontes em relação ao meu tema de pesquisa, acessar mais dados e criar uma rede de networking com outros pesquisadores.

Por isso, quando terminei minha graduação na UFJF, fui contemplado com uma bolsa de mestrado integral do governo coreano. Hoje, faço mestrado em cinema e pesquiso as relações entre audiovisual, história, política e conflitos com enfoque nos casos das duas Coreias. Contudo, nada teria sido possível sem o intercâmbio que realizei na graduação. Serei eternamente grato à Universidade Federal de Juiz de Fora e aos benefícios da educação pública e de qualidade.



Espanha



"Es el gesto de un hombre que tras haber combatido a muerte la democracia la construye como quien expía un error de juventud, que la construye destruyendo sus propias ideas, que la construye negando a los suyos y negándose a sí mismo, que se apuesta entero en ella, que finalmente decide jugarse el tipo por ella."

CERCAS, Javier. Anatomía de un instante

NOVE MESES EM CUENCA

Letícia Ribeiro do Valle Arruda Câmara

Minha jornada como intercambista através do PIIGrad foi idealizada dois anos antes de efetivamente me inscrever no processo seletivo. Comecei a me aprofundar nas exigências do edital e a pesquisar sobre os destinos oferecidos. Conversei com pessoas que já haviam passado ou desejavam passar por essa experiência, e depois de muita análise e reflexão, decidi que gostaria de ir para a Espanha.

Como sabia que uma das exigências para o processo seletivo era a comprovação da proficiência linguística, me matriculei nas aulas de espanhol ofertadas da Faculdade de Letras e cursei aulas particulares em paralelo. Além disso, passei a me envolver ainda mais em atividades acadêmicas, como palestras e voluntariado em projetos. Após obter a pontuação necessária na prova de proficiência em língua espanhola, me inscrevi no processo de intercâmbio, e pelas vagas ofertadas, me apliquei para a Faculdade de Jornalismo da Universidad de Castilla-La Mancha, em Cuenca. Com o resultado da seleção, fui aprovada e também agraciada com uma bolsa de estudos pela Diretoria de Relações Internacionais-UFJF, e logo providenciei toda a documentação exigida, tanto para obter o visto de permanência, quanto para me matricular na instituição estrangeira.

Quando todo este trâmite foi concluído e o momento finalmente chegou, em setembro de 2019, embarquei rumo à Espanha e lá vivi os melhores momentos da minha vida até agora. A instituição me recebeu de forma acolhedora e me orientou sobre o semestre letivo e as atividades desenvolvidas no campus. No primeiro semestre, cursei disciplinas de Fotojornalismo, Desenho Gráfico/Diagramação e Desenho Artístico. No segundo, continuei com a disciplina de Desenho Artístico, me matriculei em Jornalismo Internacional e passei a fazer parte do Laboratório de Produção Cultural da faculdade de Jornalismo, onde produzi algumas matérias e tive a oportunidade de publicar uma delas em um portal espanhol.

A estrutura da faculdade e do campus, como um todo, eram incríveis. Os professores e alunos eram atenciosos e educados, e a cidade onde vivi era bem pequena e simplesmente mágica. Durante este período, tive a oportunidade de me comunicar e criar em outros idiomas, aprender sobre tantas coisas interessantes que nem seria possível citar todas, conhecer pessoas de diferentes países, me aprofundar na cultura espanhola (da qual serei eterna admiradora), fazer amizades que levo para a vida, ir a incontáveis lugares, colecionar momentos melhores do que seria possível imaginar e amadurecer ao mesmo tempo em que realizava um sonho. Certamente, também passei por momentos ruins e observei as coisas com uma perspectiva crítica, especialmente as diferenças culturais e econômicas entre latinos-americanos e europeus, entre as pessoas do Sul e do Norte. Ainda assim, me lembro dos “perrengues” com pouca nitidez, por conta do



entusiasmo de estar em um lugar novo, sentimento muito maior do que qualquer medo ou insegurança, e todas as experiências se tornaram aprendizados positivos.

Com a explosão da pandemia pelo Coronavírus em março de 2020, as aulas presenciais foram suspensas, porém continuaram de forma online. Fiquei em isolamento durante os três meses de caos inicial e quando tudo começou a se estabilizar, em julho, voltei ao Brasil com um sentimento ambíguo: queria ficar na Espanha (mesmo não havendo a possibilidade de prolongar ainda mais minha estadia), mas também desejava o conforto de casa naquele momento tão estranho. Sobretudo, tive a sensação que um ciclo muito bem desfrutado se encerrava. Ao todo, foram dez meses vividos em terras espanholas.

Meu relato está cheio de romantismo, mas minhas memórias são fruto de uma experiência indescritível que guardo com muito, muito amor. Sou eternamente grata à Diretoria de Relações Internacionais da UFJF à nossa Universidade por oferecerem aos alunos a oportunidade de expandir nossos horizontes para além de qualquer fronteira e nos permitir crescer, acima de tudo, como seres humanos.



Estados Unidos da América

Living is very dangerous. You must learn".
The "The Devil To Pay in the Backlands
João Guimarães Rosa, Tradução de Harriet de Onís e do Prof. James Taylor.

Viver (...) é muito perigoso. (...)
Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo." (...).
Grande Sertão: Veredas. Rosa, João Guimarães.

UM SEMESTRE NA TEMPLE UNIVERSITY

João Pedro Peters Barbosa

Meu nome é João Pedro Peters Barbosa, tenho 24 anos e sou aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da UFJF. Desde que entrei na UFJF sempre tive vontade de fazer um intercâmbio acadêmico e procurava me informar sobre todas as possibilidades oferecidas pela universidade. Após tentativas e fracassos nos processos seletivos da DRI, finalmente bateu-me à porta a oportunidade de realizar o intercâmbio durante o segundo semestre de 2019. Como destino, fui para a Temple University em Filadélfia, Estados Unidos, onde eu tive experiências pessoais e profissionais valiosíssimas.

O intercâmbio acadêmico me proporcionou um crescimento pessoal imensurável. Foi minha primeira vez morando sozinho e longe, muito longe, de casa. No início foi difícil me acostumar com a falta de um apoio por perto e administrar tudo por conta própria. No entanto, essas questões foram sendo melhor compreendidas e absorvidas durante o período em que estive por lá. Além disso, com o tempo, também tive a oportunidade (e talvez competência) de aprimorar minhas habilidades (soft skills), conhecer pessoas novas e fazer novas amizades, e experienciar muitas das oportunidades culturais, esportivas e sociais oferecidas pela universidade e pela cidade.

Como exemplo, lembro-me bem de ir aos eventos de jogos de futebol americano da universidade, tanto com a companhia de amigos da comunidade de estudantes brasileiros da Temple (foto 1), quanto com a companhia amigos intercambistas dos mais variados países.



Foto 1: Companhia de amigos brasileiros, estudantes da Temple University, no evento de futebol americano promovido pela universidade. Na foto, estou no fundo, primeira pessoa à esquerda.

Apesar de ter aproveitado bastante os eventos promovidos pela universidade e na cidade, priorizei a dedicação às disciplinas em que me matriculei. Durante o intercâmbio fiz quatro disciplinas, sendo que, destas, destaco duas que me marcaram bastante. Na primeira, tive a felicidade de ter aula com o então diretor da faculdade de engenharia da universidade. Com ele, não só expandi meus conhecimentos dentro de sala de aula como também fora de sala, recebendo conselhos e orientações para minha vida acadêmica e profissional. Já, na outra disciplina, lembro-me de ser muito participativo durante as aulas, provocando um interesse por parte do professor. Com esse outro professor, tive a oportunidade de participar rapidamente do seu grupo de pesquisa, conhecer melhor sobre a infraestrutura da faculdade de engenharia e participar de uma visita técnica a uma das empresas de maior importância para o funcionamento do sistema elétrico do Estados Unidos, a PJM (foto 2).



Foto 2: Visita técnica à empresa PJM. Na foto, me encontro ao fundo, atrás da pessoa de cachecol.

Mantive ainda contato com esse professor após o final do meu intercâmbio, sendo convidado e aceito no Doutorado do programa de pós-graduação em engenharia elétrica da Temple University. Por conta do cenário de pandemia em que vivíamos em 2020/2021, não tive como aceitar a posição. De toda forma, destaco o profissionalismo dos professores para com os alunos em todas as disciplinas que cursei, sempre muito solícitos e atenciosos.

Ao final de 2019, finalizei meu intercâmbio acadêmico. Posso dizer, certamente, que tanto os momentos bons quanto os ruins foram importantes para o meu crescimento pessoal e profissional. Ao final desse tempo, me restam apenas as memórias, as amizades feitas, as experiências vividas e pessoas com quem ainda mantenho contato.

Agradeço imensamente à UFJF pela oportunidade que tive e recomendo fortemente a todos os alunos de graduação, que tenham interesse em fazer o intercâmbio, que não percam essa experiência.

Rússia



Моя хроника охватывает десятки поколений. Она начинается с рассказов людей, которые помнили революции, прошли войны, сталинские лагеря, и идет к нашим дням – почти 100 лет. История души – русской души.

Minha crônica abrange dezenas de gerações. Começa com histórias de pessoas que se lembraram de revoluções, passaram por guerras, campos de Stalin e vão até nossos dias - quase 100 anos. A história da alma - a alma russa. Ou, mais precisamente, a alma russo-soviética. Svetlana Alexievich. Prêmio nobel de literatura (Tradução livre)

UM SEMESTRE NA TOMSK POLYTECHNIC UNIVERSITY

Fabício Lima da Silva

O ano era 2019 eu estava me preparando para a realização de um intercâmbio institucional em Engenharia de Energia e Potência na Tomsk Polytechnic University (TPU), localizada na cidade de Tomsk, na Rússia.

Mal sabia que anos depois esta experiência seria um divisor de águas em minha vida.

Um intercâmbio abre portas para um novo mundo, novas culturas, pessoas e idiomas. A experiência em si é breve, mas marcante na formação pessoal, acadêmica e profissional de uma pessoa.



Conhecer um país de formação e história diferentes do seu próprio é enriquecedor, entretanto, o principal ponto é que, apesar das distâncias, as pessoas, no geral, são bem parecidas.

Assim, você perde o medo do desconhecido e passa a abraçar e até buscar essas oportunidades.

Foi assim, anos após este momento que carrego em minha bagagem a confiança de poder experimentar o novo, sair da minha zona de conforto com segurança de que o retorno é garantido e promissor.

ALEMANHA



Die Welt ist so leer, wenn
man nur Berge, Flüsse und
Städte darin denkt, aber hie
und da jemand zu wissen,
der mit uns übereinstimmt,
mit dem wir auch
stillschweigend fortleben:
das macht uns dieses
Erdenrund erst zu einem
bewohnten Garten

O mundo fica tão vazio se
pensarmos apenas nas
montanhas, nos rios e nas
cidades; mas conhecer
alguém que pensa e sente
conosco, e que, embora
distante, está próximo de
nós em espírito, isso faz da
terra para nós um jardim
habitado. Johann Wolfgang
von Goethe. Tradução livre

QUATRO ESTAÇÕES EM PASSAU

Fernando Santana de Paiva *

Em 2002, eu cursava o 2º ano de Psicologia na Universidade Federal de Juiz de fora e tive a alegria de receber em meu apartamento uma estudante alemã que viria passar um semestre no Brasil. Foi um encontro que alterou totalmente minhas perspectivas em relação à Universidade, uma vez que contribuiu para que eu ampliasse meus horizontes para além de Juiz de Fora e do Brasil. Digo que meu intercâmbio não começou precisamente na Alemanha, mas a partir do momento que passei a conviver diariamente com Stefanie e as/os outros estudantes estrangeiros que estavam, à época, estudando por aqui. Como a vida é produzida por encontros, considero que minha aventura alemã aconteceu por intermédio dos bons encontros que foram facilitados pela própria UFJF, que estava iniciando no início deste século XXI um processo de fortalecimento das ações de intercâmbio com outros países.

Na esteira deste movimento de alargamento dos horizontes, tanto da UFJF quanto os meus, em 2003 fui contemplado juntamente com outros quatro colegas (dois estudantes do curso de Filosofia, uma estudante de Jornalismo e uma estudante de Direito), com uma bolsa de estudos para passar um semestre na Universidade de Passau, que fica na pequena cidade de mesmo nome localizada na região da Baviera/Alemanha. Não nos conhecíamos bem e rapidamente criamos um laço de intimidade que até hoje guardo afetivamente em minha memória. Uma espécie de cumplicidade e um senso de cuidado mútuo face às dificuldades que enfrentamos, como as questões burocráticas e a barreira do idioma. Lembro que viajamos juntos! Todos ansiosos e excitados com esta nova experiência que estava pela frente! Desembarcamos após mais de 24 horas de viagem em uma estação de trem, no final de setembro, outono europeu. Daí em diante cada um de nós viveu de maneira singular sua experiência de troca e crescimento em uma cultura muito diferente, desafiadora e profundamente rica em possibilidades.

No primeiro momento confesso que tive um choque em razão de minha dificuldade inicial com o idioma, que se misturava com meu encantamento em viver o cotidiano de um outro povo e me assimilar em um outro modo de vida. Tudo era novidade! Ir ao supermercado, pegar um ônibus, ligar a televisão ou simplesmente andar pelas ruas se configurava como um grande evento. A todo momento eu aprendia algo, minha percepção era estimulada e meus pensamentos borbulhavam. Assim cheguei na Uni-Passau e comecei a frequentar as aulas de alemão e outros cursos e atividades que se relacionavam à Cultura, Política e Arte. Passei o outono/inverno de 2003/2004 mergulhado em um mundo novo que paulatinamente eu passava a conhecer e me afetar. O que era para ser apenas um semestre, se estendeu para um ano.

No início de 2004, decidi ficar mais um tempo em Passau. Assim, pude presenciar a saída do inverno e o florescer da primavera e do verão. Segui no segundo semestre com os estudos do idioma e realizei também um estágio na esfera da educação infantil em um Kindergarten, onde contribuí no processo de integração de dois estudantes brasileiros no sistema educacional alemão.

Além da inequívoca contribuição acadêmica que pude vivenciar, em razão das inúmeras atividades das quais participei, como seminários, cursos, palestras, ciclos de debates, o diálogo que estabeleci com estudantes e professores de várias partes do mundo, ajudaram-me a realizar um movimento de deslocamento, de colocar algumas certezas em xeque e aprender com a imensa diferença que nos constitui como gênero humano. Penso que este deslocar-se seja talvez um dos maiores benefícios que se consegue ao possibilitar verdadeiramente que nos enxerguemos a partir de uma outra perspectiva, que é justamente o intercambiar. E ao somar-incorporar outros pontos de vista, considero que passei não somente a me ver de maneira diferente, mas também o nosso país. Foi possível aprofundar um conjunto de análises sobre os problemas que afetavam e ainda afetam a vida na sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, realizar um mergulho profundo no desejo de favorecer a escrita de outra história, tanto pessoal como coletiva. Viver outra experiência universitária, participar de eventos com uma linguagem muito diferente e sobretudo tecer conversas cotidianas com sujeitos tão singulares, configuram-se como uma vivência que foi muito determinante para os rumos tomados em minha trajetória profissional no momento do meu retorno para o Brasil e para a UFJF. Decidi tornar-me professor e pesquisador e trabalhar em prol de uma universidade pública de qualidade, plural e que faça a diferença na vida de quem a experimenta.

Em 2014, passados dez anos do verão de 2004, fui surpreendido com um convite. Seria realizado um evento comemorativo em celebração do convênio entre a Uni-Passau e outras universidades brasileiras, dentre elas a UFJF. Trata-se de uma parceria que, ao longo de muitos anos, possibilitou que uma centena de estudantes brasileiros estudassem em Passau, além de garantir a vinda de estudantes alemães para o Brasil.

Como eu havia sido um dos primeiros estudantes da UFJF a realizarem este intercâmbio, fui selecionado junto com mais quatro estudantes brasileiros oriundos de outras universidades, para retornar a Passau e participar de uma semana de atividades em comemoração a esta parceria. Confesso que foi um momento especial, pois nunca se entra no mesmo rio da mesma maneira. Este evento me possibilitou perceber que eu realmente havia experimentado profundamente o intercâmbio e entendido que se trata de uma relação de troca, em que foi possível que eu aprendesse e também transmitisse algo.

Ao final de algumas estações pude apreender que as possibilidades de ser/estar no mundo são incontáveis! Além disso, a potência vivida em cada encontro e a abertura para o novo parece ser um bom motivo per si para seguirmos apostando nas trocas, nos deslocamentos e nos intercâmbios que a vida oferece.

* Professor do Curso de Psicologia na UFJF

MEU INTERCÂMBIO EM BOCHUM

Iago de Almeida Oliveira

Minha experiência na Alemanha no intercâmbio do PIIGRAD foi sem dúvida o passo mais importante no meu desenvolvimento profissional e pessoal até hoje. Durante esse tempo pude ter contato com a indústria alemã, aprender um novo idioma e conhecer uma nova cultura.

Eu estava muito motivado a fazer um intercâmbio já no início da minha graduação. Infelizmente, percebi que há pouquíssimas possibilidades para estudantes que não podem financiar tal experiência. Após muito pesquisar, fiquei sabendo do PIIGRAD e procurei me informar mais sobre o programa. Mesmo vendo que as bolsas eram poucas, decidi tentar ao máximo, fazendo tudo que eu pude durante os quatro longos anos que seguiram. Felizmente fui selecionado para um intercâmbio na Alemanha em Bochum.

Comecei a estudar alemão todos os dias sozinho no YouTube por cerca de seis meses. Ao chegar à Alemanha, fiquei muito feliz quando percebi que eu conseguia entender as pessoas ao meu redor e me comunicar com elas sem precisar recorrer ao inglês. Durante meu Intercâmbio, percebi em vários momentos como as coisas funcionam diferente do Brasil. O que nem sempre quer dizer melhor, como eu pensava que seria.

Consegui, como estudante intercambista, trabalhar em uma empresa de pesquisa e desenvolvimento enquanto fazia as matérias. Foi um desafio e tanto fazer entrevistas em uma língua que eu tinha acabado de aprender e ter sucesso foi muito recompensador. Ver a reação de surpresa das pessoas nas entrevistas, que sempre me perguntavam há quanto tempo eu vivia na Alemanha e como havia aprendido a língua, não teve preço. A maioria delas dizia que achava que eu já vivia lá há anos. Foi muito bom ter meu trabalho e esforço reconhecido. Pude ter discussões técnicas durante meu tempo na empresa e ver que as matérias na universidade não eram tão desgastantes quanto no Brasil, tendo uma carga horária muito menor. Vejo muito potencial para aprendermos com os alemães nesse ponto.

Tal oportunidade em uma empresa no Brasil, por exemplo, seria muito difícil para não dizer impossível no momento em que vivemos, não importa o quão boas sejam as notas ou o quanto de esforço nos estudos.

Penso frequentemente em como fui privilegiado em relação a outros estudantes que não puderam passar por essa experiência. Comecei a pensar também no que eu podia fazer para ajudar o maior número de estudantes possível a ter essa oportunidade.

Considero-me privilegiado não só em relação a estudantes brasileiros, mas também em relação a estudantes de outras nações, pela maneira como o PIIGRAD foi estruturado. Descobri que estudantes indianos, por exemplo, tinham um número mínimo de créditos que deveriam cursar por semestre, que era até do ponto de vista de alguns alemães visto como excessivo. Se esse tivesse sido o caso com o PIIGRAD, certamente não teria tido essa experiência com pesquisa. E, em vez disso, teria feito cursos, acredito, que não teriam contribuído muito para minha formação, já que cursos bem semelhantes poderiam ter feitos no Brasil. Fiquei muito feliz por ter recebido confiança para decidir como usar meu tempo.

Pelo que me lembro foi uma das primeiras vezes que fiquei feliz por ser brasileiro e pelas coisas aqui serem feitas de maneira melhor que em outro país.

Antes da ida, posso dizer que era um estudante triste e revoltado por sempre ouvir que as coisas lá fora funcionam melhor que aqui (naquela época eu achava que sabia o que era burocracia, isso mudou na minha primeira ida a um órgão público na Alemanha para conseguir documentos).



Depois de ter vivido essa experiência diria que minha visão mudou muito. Tem muitas coisas que são feitas de formas melhores, mas isso não é toda realidade.

Me incomoda até hoje que tão poucos estudantes possam passar por essa experiência e formar suas opiniões como eu fiz. Tento evitar pensar em como seria minha vida hoje caso algo tivesse dado errado e eu não tivesse sido contemplado com uma bolsa para não me entristecer.

Sou muito grato por tudo, especialmente pela confiança depositada em mim. Sinto que fiz tudo o que pude para representar bem o Brasil e a UFJF durante todo o processo.



França

"Chaque homme doit
inventer son chemin"
"L'existentialisme est un
humanisme"
SARTRE, Jean-Paul.

"Cada homem deve inventar
o seu próprio caminho".
"O existencialismo é um
humanismo"
SARTRE, Jean-Paul.

UM SEMESTRE NA UNIVERSITÉ DE TECHNOLOGIE DE COMPIÈGNE

Bruno Eduard de Oliveira Brugnara

“Ouvi, esqueci. Vi, me lembrei. Fiz, aprendi”. Com essa frase, Confúcio descreve sucintamente a importância de se viver uma experiência. Viver um intercâmbio é algo que todas as pessoas deveriam ter a oportunidade. É muito além de uma simples viagem, de um curso de idiomas ou algo do tipo. É um marco na vida, e muda para sempre quem se aventura nessa jornada. Acredito que poucos acontecimentos sejam tão preponderantes para formar, ou até alterar, a essência de uma pessoa, como uma experiência de completa imersão cultural que o intercâmbio proporciona. Tentarei relatar aqui como minha vida mudou depois da minha viagem à França. Porém, como disse Confúcio, só poderei dar uma pequena ideia sobre como foi, pois para saber de fato como é, quem me lê tem que vivenciar para entender.

Desde muito jovem, tinha o sonho de morar fora do Brasil. Eu sentia que viver fora era uma espécie de chamado, e que eu só entenderia de fato o que eu gostaria de ser se pudesse experimentar uma vida diferente. Quando entrei na Universidade Federal de Juiz de Fora em 2016 no curso de Engenharia civil, comecei a colocar em prática um plano para poder realizar meu sonho. Na primeira semana de aula, fui até o prédio da DRI me informar sobre os programas de intercâmbio na graduação. Conheci o PIIGRAD e descobri tudo o que eu precisava para conseguir tornar real minha aventura em outro país.

Se eu pudesse descrever uma fórmula inteligente para orientar alguém a conseguir viver o que eu vivi, seria informe-se sobre como funciona o edital de classificação e faça tudo o que você precisa para ser o primeiro colocado, não se preocupando com os demais candidatos. Por fim, defina também o destino para onde você sente que deveria ir. Essa última dica talvez seja a mais difícil de colocar em prática, já que não é possível saber onde é o melhor lugar sem antes conhecê-lo. Para mim, a decisão foi tomada com base em uma coisa: fugir da minha zona de conforto. Como eu nunca havia feito nenhuma aula de francês na minha vida e como considerei que a França era o lugar em que eu dificilmente conseguiria recorrer ao inglês para me virar, decidi ir

para o país francófono. Obviamente, isso culminava no fato de eu ter que aprender uma língua nova e isso seria ótimo para minha vida pessoal e profissional.

A escolha desde cedo sobre o país me deu tempo para encontrar meios de aprender um pouco do idioma. É aqui que, novamente, tomei uma das melhores decisões que podia. Eu me informei sobre o Projeto de Universalização da faculdade de Letras da UFJF. Descobri que o projeto oferecia cursos de idiomas na modalidade instrumental (língua como um instrumento de leitura e interpretação, mas que também explorava a oralidade, principalmente nos cursos de línguas latinas). Decidi fazer, juntamente com as disciplinas da engenharia, os idiomas: espanhol, italiano e francês. Sentia que, como todas eram línguas latinas, iriam me ajudar muito a acelerar o aprendizado de francês. Mas, obviamente, minha maior dedicação foi o francês. Depois de sete períodos de faculdade e terminando os três períodos do PU, consegui minha classificação com bolsa para o intercâmbio na França. Faltava-me apenas o certificado B1 em francês, que facilmente obtive graças as aulas que eu fiz no PU da Letras. Eu havia conseguido tudo que precisava. Em 2019, eu iria estudar um semestre na Université de technologie de Compiègne.

A chegada ao território francês foi, com certeza, o evento mais aguardado por mim na vida. Era a realização de um sonho e eu havia calculado tudo meticulosamente. Isso não significa que eu não estava aberto a imprevistos e eventualidades. Na verdade, era justamente isso que eu buscava, e estava disposto a experimentar absolutamente tudo o que eu não havia planejado fazer. Esse era o plano (um pouco dissonante, mas era o plano). Desembarquei na capital e peguei um trem até Compiègne. Uma pequena cidade universitária de cerca de 40 mil habitantes, pouco ativa durante o período de férias, mas repleta de alegria quando os estudantes tomavam conta dos bares, das ruas e até da margem do rio Oise. Eu cheguei um mês e meio antes das aulas para fazer um intensivo de francês. Nos primeiros dias, tive muita dificuldade com a língua. Não entendia sequer 20% do que era dito nas aulas e tinha dificuldade em me relacionar com os franceses, mas jamais desistia de tentar um diálogo na língua deles. Algo que me ajudou muito na adaptação e que, sem sombra de dúvidas, é a dica de ouro: não se relacione com



brasileiros para não ficar falando português o tempo todo. Em nenhum momento dos primeiros meses na França, eu falei português. Havia vários brasileiros na universidade, e que inclusive chegaram no mesmo voo que eu. Mas desde o início eu segui a estratégia de me alienar da minha língua mãe para poder desenvolver minhas habilidades comunicativas em outros idiomas. Assim que cheguei, fiz grandes amigos: um italiano de Maranello (com o qual eu falava italiano e francês) dois espanhóis de Granada (com os quais eu praticava espanhol e principalmente francês), uma venezuelana de Caracas (com a qual eu também praticava espanhol e francês) e um franco marroquino (com o qual eu desenvolvi incrivelmente meu francês), que foram meus melhores amigos do primeiro ao último dia de intercâmbio. O fato de eu não falar português me deu grande vantagem frente aos outros brasileiros, que ficavam sempre na zona de conforto e não se esforçavam tanto para viver lá. Em cerca de dois meses eu já compreendia uns 80% do que era falado em praticamente todos os ambientes (desde o universitário até nos bares de sábado à noite).

Depois de um mês e meio, o curso intensivo de francês terminou e começaram as aulas do curso de engenharia de sistemas urbanos. Eu me matriculei em mais aulas do que era recomendado, pois sabia que, quanto mais eu me colocasse em situações difíceis, mais eu iria ter que me virar e

mais proveito eu tiraria de todo esse esforço. As aulas ficavam cada vez mais compreensíveis e eu começava a me destacar nas provas. Todo o meu bom rendimento foi graças à fórmula que eu empreguei desde o início: nunca facilite as coisas, pois quanto mais adversidades você tiver, mais irá se esforçar e mais irá aprender com todo esse esforço.

Apesar de me esforçar muito nas aulas, não significa que eu não pude aproveitar a vida na França. Eu praticava esportes com o time de futebol da universidade três vezes por semana; viajei para muitas cidades da França utilizando o cartão de desconto para estudantes da SNCF (companhia ferroviária da França); e viajei para 11 países com passagens muito baratas quando se viaja sem bagagens (menos de 20 euros por voo). Minha grade de aulas permitia que eu tivesse sábado e domingo para viajar no território nacional e a universidade dava semanas sem aulas para os alunos estudarem para as provas. Como eu adiantava os estudos, costumava viajar nessas semanas. Obviamente, o intuito maior é a formação acadêmica dada pelo curso universitário, mas conhecer novas culturas, ouvir novos idiomas e experimentar vivências em países diferentes tem grande importância não apenas na vida pessoal, como na formação e, às vezes até mudança, de nossos desejos profissionais.

Uma dica importante para quem pretende fazer viagens enquanto está no intercâmbio é visitar museus e atrações utilizando a carteirinha de estudante. Eu tinha desconto integral em todos os museus da França e conseguia bons descontos em outros museus da Europa. Até com a carteirinha de estudante brasileira é possível conseguir desconto. Outra dica é a busca pelo registro na CAF (Caisse des Allocations Familiales), que ajuda os estudantes restituindo parte dos gastos com alojamento.

Depois de cerca de quatro meses morando em Compiègne eu diria que estava completamente adaptado à cidade. Eu gostava de onde morava e tinha feitos alguns amigos franceses, principalmente por conta dos trabalhos em grupo do curso. Uma questão interessante que considero relevante falar é sobre o funcionamento dos trabalhos acadêmicos..

Em todas as disciplinas, tínhamos aulas teóricas com provas e tínhamos uma parte prática na qual os alunos deveriam desenvolver um projeto. Porém, a parte inovadora dessa proposta é que esses projetos não eram exemplos acadêmicos inventados pelos professores, mas eram projetos encomendados por parceiros da Universidade, que pagavam à instituição pelo desenvolvimento e entrega dos projetos. A universidade então recebia uma remuneração (que consistia no fim das contas em uma forma de receita para manter as próprias atividades) e os alunos conseguiam trabalhar em um projeto real, tendo uma experiência profissional bem abrangente e podendo retribuir o curso ofertado através das horas de trabalho e dedicação nos projetos.

Dos projetos que eu trabalhei, os mais interessantes foram: a elaboração de um projeto completo de marketing estratégico para uma empresa que queria reciclar cordas de instrumentos musicais; o projeto de gerenciamento para implantação de uma fábrica de luminárias feitas com aço de damasco; um projeto de reconstrução de uma residência para melhorar o conforto térmico dos residentes (preservar o aquecimento à gás); e por fim, um projeto sobre instalação de placas solares para geração de energia elétrica de um salão de festas.

Tive a oportunidade de apresentar o trabalho sobre as placas solares para o prefeito de uma cidade no norte da França. Fui responsável por um grande erro cometido nos cálculos da geração e pude refazer a apresentação para o prefeito e sua comissão, conseguindo me desculpar pelos erros e ser elogiado por ter encontrado o erro e pela coragem de assumi-lo. Tudo isso em francês. Foram oportunidades únicas que contribuíram muito para minha formação profissional. Desde que voltei da França, apliquei bastante os conceitos de gerenciamento de projetos para ajudar minha família e gerenciei a construção de uma usina solar de médio porte para o meu pai.

Se você consegue se organizar bem financeiramente, é possível viver perfeitamente com a bolsa de estudo (a média de gastos com habitação gira em torno de 250 euros por mês e a alimentação em torno de 200). Para fazer viagens extra, o recomendado seria começar a economizar um dinheiro ainda quando estiver planejando o intercâmbio. Eu,

particularmente, comecei a juntar o dinheiro para conseguir aproveitar ao máximo com as incursões culturais no território europeu três anos antes da viagem. Comecei a poupar no dia em que fui conversar na DRI. Ainda hoje tenho minhas planilhas de gastos, as quais eu preenchia com rigor para viver na França. Terminei o semestre tendo excelentes notas e voltando com conhecimentos que utilizo até hoje na vida profissional; a experiência de intercâmbio também me rendeu frutos acadêmicos, me ajudando a ter uma boa pontuação para entrar no atual programa de mestrado que estou cursando.

A minha volta para o Brasil foi motivada por uma série de fatores. O fim do período aconteceu em fevereiro de 2020. A UTC (universidade de tecnologia de Compiègne) havia me oferecido de permanecer mais tempo e cursar outros períodos lá. Existia a possibilidade de conversar com a UFJF e prolongar minha estada. Porém, naquele mês começaram as complicações da pandemia na Europa e eu considerei que a melhor decisão seria a de voltar. Além disso, eu queria terminar meu curso de Engenharia civil na UFJF. A decisão foi certamente a correta, pois a situação com a pandemia só piorou dali em diante. Eu consegui me formar juntamente com minha turma no fim de 2020 e ingressei no mestrado em estruturas da UFJF em 2021. Durante o primeiro período do mestrado, tive a oportunidade de ser professor de francês do PU, retribuindo um pouco da minha gratidão pelo programa de línguas e também ajudando os alunos a aprender francês e a não desistirem dos seus sonhos (principalmente se o sonho envolver morar na França).

Por fim, não tenho palavras para agradecer ao programa PIIGRAD e à DRI. O Departamento de Relações Internacionais da UFJF foi simplesmente perfeito em todo o processo. Me deram todo o apoio que precisei. Muito obrigado, DRI e muito obrigado, UFJF, por terem contribuído de forma incisiva na minha formação pessoal e profissional. Estou sempre disposto a ajudar pessoas que têm o sonho de realizar um intercâmbio e têm dúvidas acerca de como é. Podem me procurar no Instagram e interagir para conversarmos sobre como foi cada detalhe da minha experiência de intercâmbio.

UMA BREVE VIDA EM BESANÇON

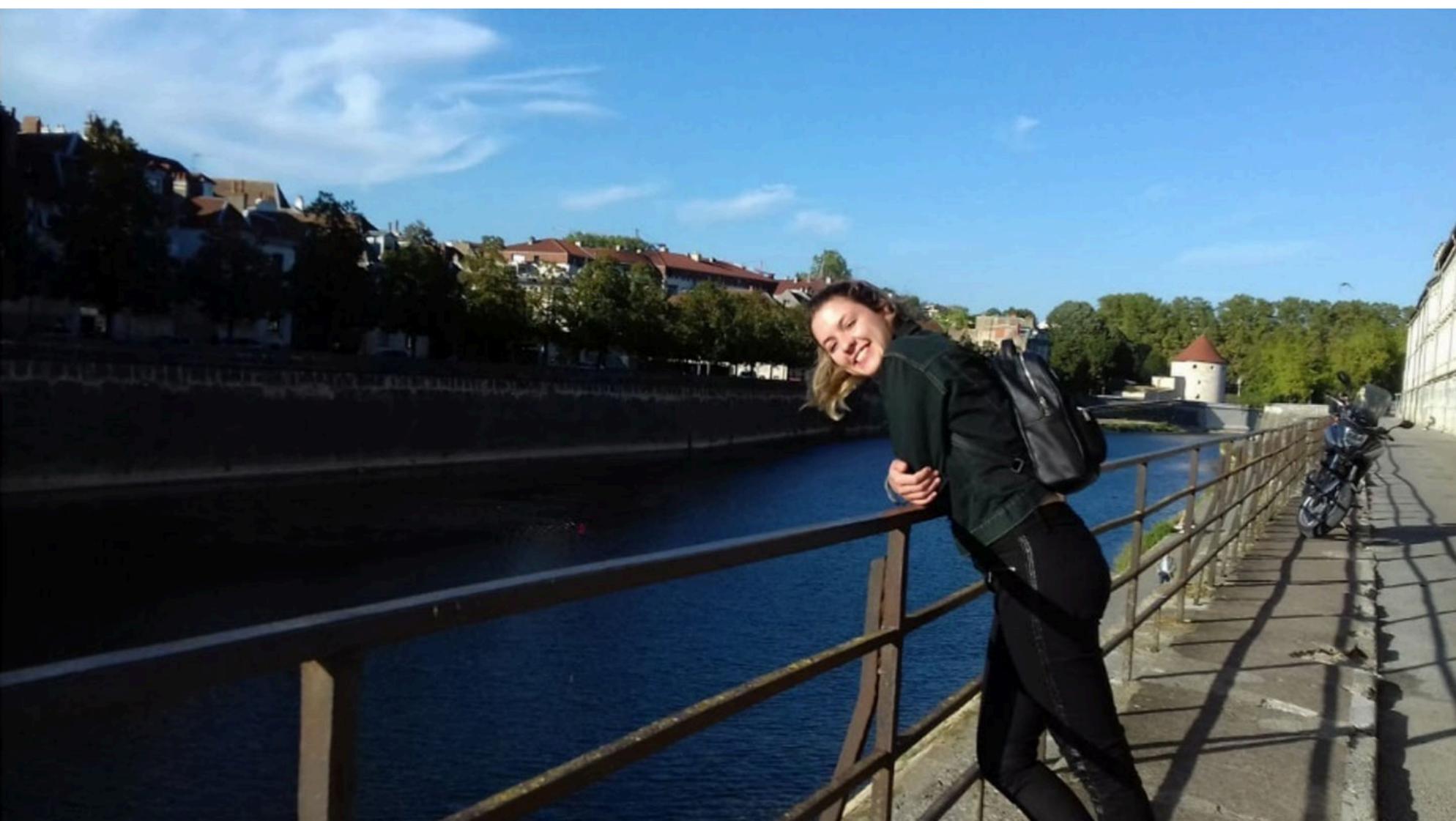
Jaqueline de Oliveira Moreira

Dia 23 de janeiro de 2019 ,foi publicado o resultado final do programa de que muito me orgulho, a seleção de bolsistas para o PIIGRAD de 2019, e meu nome estava lá. Chorei muito. Mas eu não sabia que a aventura de fato só iniciaria em 26 de agosto de 2019. Eu nunca tinha voado , nunca tinha estado fora do país, nunca tinha viajado para lugar algum e das milhões de coisas que passavam na minha cabeça, nenhuma delas conseguia traduzir o sentimento. Era um misto de forte expectativa, medo do desconhecido, saudades dos que estavam ficando e muita felicidade que não cabia em mim.

Junto de mim estavam as pessoas que fariam parte dessa aventura, se tornaram meus melhores amigos e que estarão sempre guardados comigo, Julia, Marianna e Thiago.

Chegamos em Besançon em 27 de agosto à noite, era verão, estava quente, úmido e sentíamos muita fome. Os primeiros dias de intercambistas na pequena Besançon foi cheio de alegrias, sabores, cheiros e uma pequena sensação de aconchego. Nos sentimos em casa desde logo. Hospedamos em um Airbnb no centro da cidade, comemos muito pão, macarrão e tomamos vinho.

Me mudei junto dos meus amigos para a moradia estudantil, o Crous, alguns dias depois de chegar em Besançon, lá seria nossa casa nos próximos meses. Uma casa de 9 m² com uma cozinha compartilhada com umas 30 ou mais pessoas. E eu fui a única premiada com uma varanda, quase do



tamanho do meu quarto. No Crous moravam muitos estudantes, acredito que uns 1000 ou mais. Lá tem uma quadra de areia, muitos espaços para esportes, está muito arborizado, eu amava aquele lugar

Logo nos primeiros dias, fiz amizades que acredito que durarão a vida, conheci amores e desafetos. Quando fui para França não falava bem francês, era muito insegura e me prendia, foi um grande erro, mas que serviu de aprendizado.

Logo na segunda ou terceira semana começaram as aulas, ficamos muito perdidos e apreensivos. Às vezes não entendia nada, era muito curioso observar o sistema de ensino francês. Todos os estudantes com seus computadores digitando freneticamente e nós com nossos caderninhos e caneta tentando acompanhar a aula. Obvio que não conseguimos! Mas com o tempo nos adaptamos.

Nós sempre fazíamos reuniões numa pequena sala chamada "salle de vie" às sextas à noite. Era muito legal, descontraído, sempre reunia muitas pessoas de diversas nacionalidades e era um ótimo momento para fazer amizades, falar, rir e beber muito vinho. Nesses momentos, não havia uma língua que não era falada, eu achava incrível aquela mistura de dialetos e culturas.

Logo começou a esfriar e, por incrível que pareça, me tornei uma criatura tolerante ao frio, meus amigos falavam que eu sempre estava com a mesma jaqueta jeans e não entendiam como eu suportava o frio, nem eu entendo hoje em dia. Sempre que dava, viajávamos; e foram aventuras sensacionais. Meus companheiros inseparáveis de viagem, Arthur, Julia e Marianna. Juntos fomos ao sul da França, a algumas cidades próximas à Besançon, Luxemburgo, Paris. Conhecemos muitos lugares incríveis, e vivemos muitas aventuras marcantes e acredito que isso contribuiu muito para nosso amadurecimento. Passamos noites acordadas, dormimos na estação esperando ônibus; na rua, passamos muito frio, foi uma loucura.

A única vez que tomei coragem de viajar sozinha, planejei uma longa viagem pela Itália, que foi interrompida no segundo dia porque perdi minha carteira com todos os cartões e dinheiro no aeroporto, mas eu só percebi quando já estava do outro lado da Itália, em Veneza. Eu fiquei muito triste e desesperada. Sorte minha que meus amigos me ajudaram a retornar a Besançon. Foi tudo tão intenso que não vimos o tempo passar e decidi ficar mais um semestre.

Decidi então começar a trabalhar para melhorar a língua e poder me sustentar naquele semestre a mais. Consegui dois trabalhos. Trabalhei em centros de lazer para crianças, era muito divertido e aprendi muito. As crianças, às vezes, não eram muito fáceis, mas na grande parte do tempo eu me divertia e aprendia muito.

Em março de 2020, entramos em confinamento total pela pandemia. Foi um momento de muito medo e incertezas, mas a companhia de pessoas incríveis do meu lado fez tudo ficar mais calmo e doce.

A primavera chegou, em meio à pandemia, com os dias ficando cada vez maiores e mais quentes, crescia mato por todos os lados, tudo ficou muito florido e muito verde, a passagem das estações com certeza foi uma das coisas que mais me encantaram no hemisfério norte. Apesar da pandemia, a primavera de 2020 na França me traz boas lembranças, eu me sentia em casa e confortável, talvez pelo clima. Passei quase todos os dias pandêmicos e primaveris do lado do amor que conheci logo no início do intercâmbio, o menino Eduardo, e estamos juntos até hoje.

Depois de alguns meses, o governo começou a flexibilizar as regras de confinamento e pude aproveitar um pouco da primavera ao estilo francês. Fizemos piquenique no parque, as famosas randonnées, tomamos cerveja quente e muito Sol.

Vim embora no dia 4 de janeiro de 2021, chorei muito, porque o sonho estava chegando ao fim e era hora de despedir de tudo. Hoje sou muito grata por tudo, pela UFJF por manter esse programa incrível, por me ter oportunizado isso, pelo meu país que pude representar lá fora e que eu aprendi a amar na distância, por minha família que sempre me apoiou nas minhas decisões.

Hoje eu vejo que essa experiência mudou os rumos da minha vida para sempre, amadureci muito, desenvolvi habilidades que não imaginava ter, acreditei em mim diante dos desafios, desenvolvi uma paixão por estudar línguas, aprendi o significado do companheirismo e resiliência.

E essa foi minha breve vida vivida em Besançon na França. Merci, à bientôt !

SEIS MESES EM BESANÇON

Marianna Oliveira Sales Esperidião

Olá, me chamo Marianna e me formei em 2020 no curso de Direito da UFJF. A Universidade como um todo foi muito importante no meu percurso acadêmico, mas posso dizer que um dos pontos mais fortes dela, na minha opinião, é a Diretoria de Relações Internacionais (DRI). Isso porque foi por meio dela que pude ter a experiência de dois anos de Treinamento Profissional em Relações Internacionais, tanto como voluntária quanto como bolsista.

Em resumo, no meu segundo semestre de estudo, descobri que havia um processo de seleção em andamento para bolsistas e voluntários na Diretoria. Num primeiro momento fui aceita como voluntária, no qual fiquei durante um ano, e no segundo ano evolui para bolsista organicamente. Nesses dois anos trabalhei com diversos grupos, muito embora minhas atividades estivessem centradas no Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G e PEC-PG (pós-graduação) que tem como foco os estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo. Nesse caso, eles vinham para estudar o nível acadêmico completo, seja ele a graduação, o mestrado ou o doutorado, e não apenas um ou dois semestres. Cabe dizer que eles falavam algumas línguas além do inglês, como o francês e português, além dos seus próprios dialetos.

Ademais, pude observar o trabalho dos outros serviços prestados e ajudar em alguns eventos organizados pela DRI, tal qual o renomado Global July, que internacionaliza a universidade de uma maneira interessante. Por meio da DRI também descobri e participei do Buddy Program, oportunidade que tive de ao mesmo tempo ensinar e aprender com uma intercambista internacional que veio ao Brasil por um período.



Sendo assim, é evidente o quanto foi enriquecedor meu período na Diretoria.

Após meu contrato se encerrar, me dediquei ao Edital do PIIGRAD para conseguir ter sucesso no processo seletivo para o programa de intercâmbio. Fui aprovada em 2018 para viajar em Agosto de 2019 para Besançon (FR). Meu intercâmbio acadêmico foi de setembro 2019 a Fevereiro 2020 na Université de Franche-Comté (UFC).

Gostaria de ressaltar o quão importante foi esse período na minha vida, pois me permitiu estar em contato direto e diário com uma língua que muito aprecio, me permitiu enfrentar medos e preocupações, me fazendo amadurecer, e ainda tive a chance de encontrar pessoas e viver experiências incríveis que nunca imaginei que seriam possíveis viver. Antes de conseguir a vaga, achava que o intercâmbio só seria possível para pessoas com uma realidade financeira muito favorável (classe média alta) e com currículos perfeitos.

A Université de Franche-Comté foi muito acolhedora, promoveu, especialmente nas suas primeiras semanas, diversos eventos e atividades para integrar e informar todos os estudantes, não só os intercambistas. A cidade por si só é um charme, muito bem localizada no leste da França, logo ao lado da Suíça, podendo ir para várias cidades relativamente próximas e turísticas, como Lyon e Dijon. Nela também se oferece uma certa estabilidade para estudante, pois não é cara como a capital francesa e oferece uma vida boêmia muito interessante. Além disso, a cidade tem um serviço de transporte bom e um centro histórico muito bonito, como por exemplo a Citadelle de Besançon, forte construído por Vauban e que contém muita história sobre a resistência francesa durante a segunda guerra mundial, além de ter sido onde nasceu o ilustríssimo escritor Victor Hugo.

Quanto ao meu período lá, decidi dividir meu tempo entre as aulas na faculdade e as atividades voluntárias com a população local ou com os próprios estudantes internacionais. Dessa forma, me inscrevi para ser voluntária da ESN (Erasmus Students Network), que nada mais é do que uma organização estudantil que existe em várias universidades da Europa para dar suporte a estudantes estrangeiros que chegam nessas universidades para estudar, seja por um período curto, seja para estudar todo um nível acadêmico. Na ESN Besançon organizávamos atividades para integrar os alunos internacionais e os outros voluntários da organização. Foi durante esse período que pude conhecer pessoas do mundo todo e manter contato até os dias de hoje, o que foi muito agradável. Eventualmente também me inscrevi para o que chamam de Unité d'Enseignement Libre, uma iniciativa da universidade para promover voluntariado em prol da cidade ao mesmo tempo em que conta créditos para o estudante na sua grade curricular, algo que acho muito bom tanto para o estudante quanto para a própria cidade, que vê nisso um investimento sociocultural nela mesma.

Com essa iniciativa, eu tive a chance de trabalhar com grupos de várias idades, de crianças a idosos, onde houve uma troca muito grande de culturas e realidades muito diferentes, o que somou na vida de todos. Fazíamos vários ateliês sociais, culturais ou artísticos para interagir. Pudemos trabalhar também com pessoas com dificuldade financeira e pessoas com deficiência física ou mental. Esse foi um período de crescimento pessoal muito grande e que, dentre as muitas pessoas que tenho para agradecer, posso dizer que uma delas é a equipe da DRI, que construiu essa relação com a UFC, permitindo essa troca socioeducacional de estudantes.

Diante de todo o exposto, quero confirmar o quão importante é a Diretoria de Relações Internacionais tanto para os próprios estudantes da UFJF como para a comunidade juiz-forana. Isso porque os frutos são múltiplos, de conhecimento e de vida, colocando o aluno, a UFJF e Juiz de Fora num lugar de destaque quanto em relação a outras cidades. Portanto, que mais estudantes tomem conhecimento dessa chance de personalizar o seu percurso acadêmico e viver algo surpreendente na universidade.

A scenic view of Mount Fuji, a large snow-capped mountain, under a clear blue sky. In the foreground, there are branches of cherry blossoms in full bloom, with light pink and white flowers. The mountain's peak is partially obscured by soft, white clouds. The overall atmosphere is peaceful and beautiful.

Japão

がこの世界を両目で見た
いとき、私が知覚するの
は2つの世界が重なたも
のです。1つは明るく輝
く、驚くほど鮮明な世界
です。もう一方は不正確
で微妙に暗い

“Quando eu quero olhar para o
nosso mundo com os dois olhos,
o que eu percebo são dois
mundos sobrepostos: um
brilhante e luminoso,
surpreendentemente nítido; o
outro, impreciso e sutilmente
sombrio” OE, Kenzaburo. Prêmio
Nobel de Literatura.

UM SEMESTRE NA KUIS

Charlie Milo Bergo

O intercâmbio é uma experiência única. Não há nada que nos prepare para as circunstâncias com as quais vamos nos deparar e só quando chegamos ao outro lado do mundo é que nos damos conta disso.

A emoção é semelhante a de ingressar na universidade; somos expostos a um novo universo, cheio de possibilidades, desafios e aprendizados. É comum nos sentirmos perdidos no começo, afinal estamos nos inserindo em uma cultura completamente diferente da nossa e não sabemos ainda o que nos espera. Mas logo pegamos o jeito da coisa, e esse é o momento em que sentimos que conquistamos o mundo. E tudo o que aprendemos nessa jornada levamos conosco para o resto de nossas vidas.

Participei da seleção do PIIGRAD em 2017, um ano após meu ingresso na UFJF, e, em 2018, embarquei em um avião pela primeira vez para realizar meu sonho de poder estudar mais sobre a língua e a cultura japonesa.



Na Kanda University of International Studies (KUIS), cursei disciplinas que enriqueceram meu estudo na área da linguística, do ensino e da língua japonesa. Conheci pessoas de diversos lugares com as quais tive uma troca cultural inestimável. Dentre as experiências que tive fora da universidade, cito em especial a ida ao Museu Nacional de Tóquio, no qual fui apresentado à cultura de diferentes países e pude aprofundar ainda mais meus conhecimentos culturais do Japão, e a ida ao Museu de Animação de Suginami, no qual tive minha primeira experiência de dublagem e aprendi sobre a história da animação japonesa.

Para além da vida acadêmica, o intercâmbio também me fez crescer como ser humano, e acredito que isso vale mais do que qualquer outra coisa.

MINHA EXPERIÊNCIA NO JAPÃO (2019-2020)

Laís Silveira Martins

Minha experiência de intercâmbio foi inesquecível e muito enriquecedora! Aprendi muito fazendo arubaito (trabalhos de meio-período), tanto a respeito da cultura japonesa quanto ao idioma.



Na faculdade, tive diversas experiências e interações incríveis, principalmente no primeiro semestre, que foi presencial (o segundo semestre foi remoto, infelizmente).

Fiz algumas amizades, me mudei para o meu próprio apartamento e comecei a namorar. Depois, o meu namorado mudou-se para o nosso apartamento e então vivenciei a cultura japonesa todos os dias dentro da minha casa. Nessa fase, aprendi demais, amadureci, expandi muito a minha forma de pensar.

Muitas vezes, acreditamos que o jeito, a forma que conhecemos é a única existente ou a única correta, quando, na verdade, existem mundos de possibilidades, com algumas até muitas vezes melhores e mais coerentes do que as nossas. Isso eu definitivamente aprendi vivendo em outro país, com as pessoas desse país.

Quando penso no Japão, lembro-me andando de bicicleta pelas lindas ruazinhas e pela orla da Baía de Tóquio, lembro das árvores sakura florescendo na primavera e colorindo as ruas com tons de rosa. Lembro-me também das viagens que fiz com meu namorado, hospedando num ryokan (hotel tradicional japonês) com onsen (águas termais) ou num hotel luxuoso em Yokohama. Usamos os pontos do cartão de crédito e não pagamos nada huahua.

Lembro-me também das diversas partidas de beisebol que assisti no estádio (japoneses estão para beisebol quase como brasileiros estão para futebol) e dos deliciosos doces tradicionais japoneses que experimentei. Os chás então, humm!

Intercâmbio não é fácil, principalmente nos primeiros meses. São vários os desafios, vários momentos bons e ruins também. Vale, porém, cada segundo. O amadurecimento e a visão de mundo que você terá em um ano, talvez nunca teria de outra maneira. Vá e viva!

A IMPORTÂNCIA DO INTERCÂMBIO

Hugo Nogueira Rocha*

Eu tive a oportunidade de estudar na Kanda University of International Studies (Japão) de Setembro de 2008 a Janeiro de 2010 por meio do acordo de cooperação entre a UFJF e a universidade japonesa. Kanda oferece um curso de língua e cultura japonesa a estudantes de todas as áreas do conhecimento. Além do interesse na oferta acadêmica deles, o destino era um dos poucos viáveis para mim naquele momento, em razão da bolsa oferecida pela universidade parceira.

Durante meus três semestres acadêmicos no Japão, consegui atingir a fluência no idioma, compreender melhor a cultura japonesa, visitar numerosos locais históricos, fazer muitos amigos e ter experiências que jamais poderia ter aqui no Brasil. Além dos estudos, também trabalhei em meio período, o que me ajudou a fazer grandes amigos, desenvolver a fluência no idioma e custear minha vida no exterior.



Além dos estudos, também trabalhei em meio período, o que me ajudou a fazer grandes amigos, desenvolver a fluência no idioma e custear minha vida no exterior. Essa temporada fora também me ajudou a colocar em perspectiva os problemas e dificuldades que enfrentamos no Brasil, perceber que também o Japão possui as suas e que algumas são inclusive muito piores que as nossas.

Contudo, considero que o resultado mais importante foi a expansão de mentalidade que eu experimentei ao me expor a uma cultura tão diferente da minha original. Graças ao contato com pessoas de diferentes raças, nacionalidades e histórias, descortinou-se para mim um novo mundo de possibilidades, especialmente as relativas à educação internacional.

Ao retornar ao Brasil, muito mais maduro e consciente, terminei meu curso de Farmácia e atuei na área por três anos. No último desses três anos, me dediquei a estudar para concursos públicos, o que culminou com minha aprovação para o cargo de TAEs na UFJF. Graças à experiência internacional que a universidade me proporcionou, hoje atuo na Diretoria de Relações Internacionais, concretizando meu sonho de trabalhar com educação internacional, dormente desde a época de intercâmbio.

Minha trajetória é um mero exemplo de como um programa de intercâmbio pode não só mudar os rumos da vida de um estudante, mas também proporcionar um retorno positivo para a própria instituição, já que hoje em dia utilizo dos conhecimentos adquiridos no exterior para colaborar com a internacionalização de nossa universidade. Que a UFJF possa continuar abrindo os horizontes de muitos outros estudantes por meio do Piigrad e de outros programas de intercâmbio, para o desenvolvimento e a inserção de nossa região e do nosso país nesse mundo cada vez mais interconectado.

*Assistente Administrativo na DRI

Portugal



Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

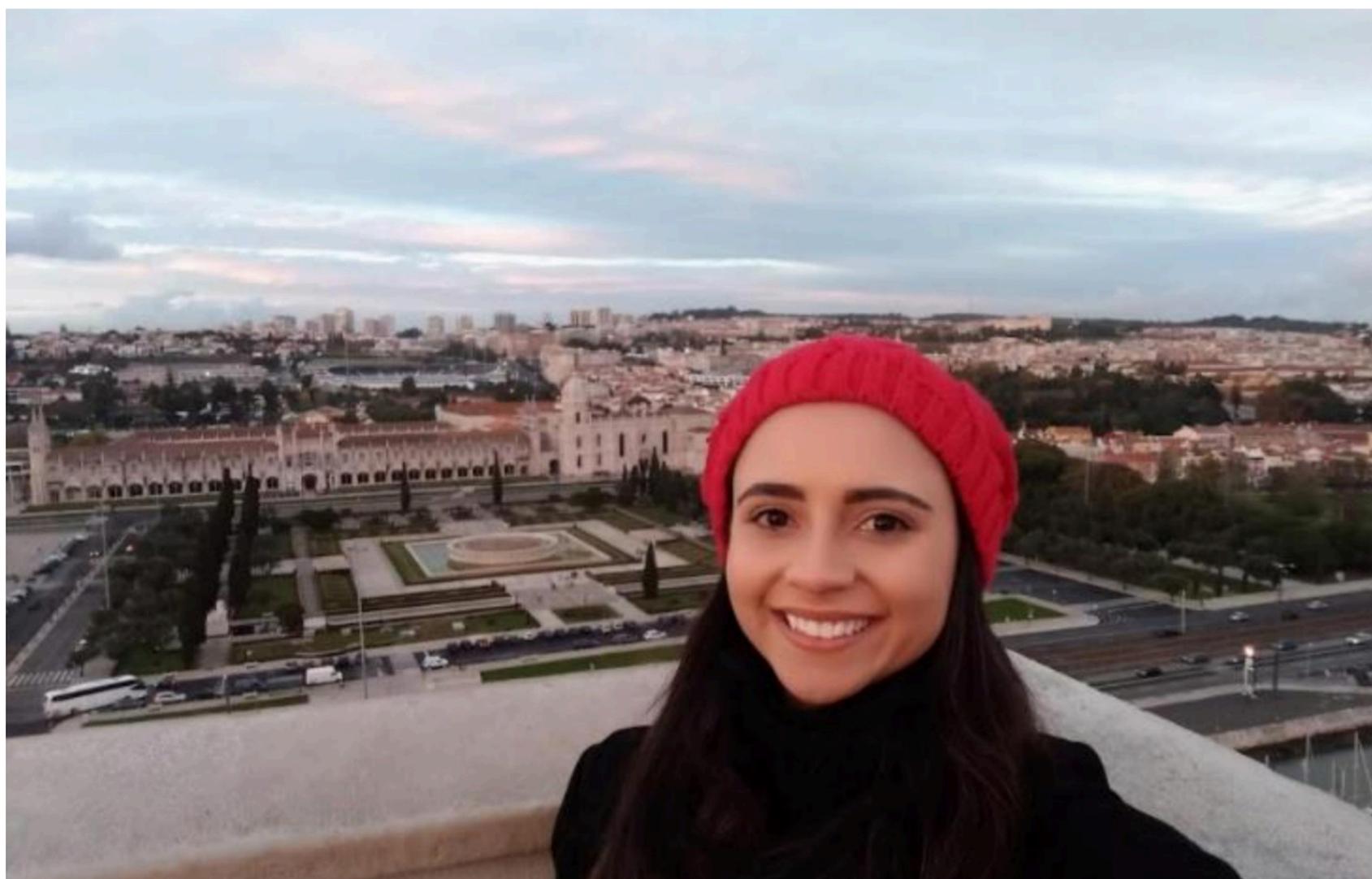
Pessoa, F. Mensagem. Poema X Mar Português.
Edições Ática: Lisboa. 1959.

DOIS SEMESTRES EM PORTALEGRE

Beatriz Corrêa Thomé de Deus

Quando recebi a notícia de que havia sido aprovada no PIIGRAD, não fazia ideia do que me esperava. Foi um misto de sensações! Ao mesmo tempo em que estava radiante de alegria, sentia medo e insegurança, já que nunca havia viajado de avião e nem morado sozinha.

Embarquei nessa aventura e foi a melhor decisão que poderia ter tomado! Logo a insegurança e o medo deram lugar à sensação de independência e o entusiasmo de viver em outro país.



Estive em Portalegre, uma cidade do interior de Portugal, durante aproximadamente 10 meses. A princípio, o intuito era ficar apenas um semestre, mas a experiência estava sendo tão positiva que decidi estender a permanência por mais um tempo.

O intercâmbio me possibilitou conhecer pessoas de diferentes partes do mundo, imergir em uma cultura diferente, visitar diversos lugares incríveis e ter uma vivência de mundo que dificilmente teria se optasse por permanecer em minha zona de conforto.

Posso dizer que o intercâmbio foi um divisor de águas na minha vida, tanto pessoal quanto profissionalmente. Depois dessa experiência tive mais autoconfiança e senti que conseguiria encarar mais facilmente todos os desafios que estavam por vir.

Durante o tempo em que fui aluna do Instituto Politécnico de Portalegre tive a oportunidade de realizar diversas disciplinas e de estagiar na BioBIP – Bioenergy. O conhecimento adquirido em sala de aula aliado às práticas laboratoriais e o estágio me proporcionaram uma bagagem enorme de conhecimento, além de terem me feito despertar interesse por essa área que, até então, não havia tido contato.

Considerando tudo que vivi nesses 10 meses de intercâmbio posso assegurar que essa foi a melhor experiência que já tive em toda a minha vida!

DEZ MESES EM COVILHÃ

Bianca Maciente Colvara

“Não me deixe esquecer”, esse é um mantra, quase uma oração, que, por vezes, faço mentalmente a mim mesma. É um apelo pessoal para que eu não me esqueça daqueles dez meses que passei morando na Covilhã, em Portugal. Vira e mexe ainda consigo sentir aquela sensação que só sentia estando lá.. O que é também meio ruim porque fico nostálgica e até triste.

Covilhã é uma pequena cidade na Serra da Estrela, em Portugal. Lá fazia muito frio, uma vez até cheguei a ver floquinhos de neve caindo do céu, e quando ventava parecia que meu quartinho minúsculo no alto do casarão de três andares no Pátio São Silvestre ia sair voando descolado do restante da casa. Eu estranhei muito de início. Demorei a conseguir me adaptar ao frio e ao modo dos portugueses, ligeiramente mais diretos e práticos nos seus tratamentos. Na Universidade da Beira Interior, a UBI, também tive meus momentos de confusão mental. Fiz a matrícula achando que estava no segundo semestre, e ainda era só o primeiro, e demorei a escolher as aulas que mais me interessavam. Mas como diz um ditado popular da Covilhã, “primeiro estranha-se, depois entranha-se”. Logo, logo estava entranhadíssima por tudo o que me cercava.

Desenvolvi uma paixão pela cidade. Gostava de andar pelas ruelas, mesmo aquelas mais íngremes, e ver a cidade lá do alto, pequena e rasteira entre a serra. Os elevadores eram um charme e divertimento à parte, e eu achava engraçadíssimo poder usá-los para me locomover na cidade. Também contava muito com a atenção e disposição do Élio, um taxista muito simpático que levava a mim e as meninas da minha casa para onde quiséssemos ir (e me ajudava a resgatá-las quando elas estivessem perdidas).

As meninas foram, talvez, a parte mais especial da minha estadia. Na Casa de São Silvestre, morávamos em seis (e mais algumas amigas temporárias). Raquel e Nadine, as portuguesas, já estavam lá quando cheguei. Aleksandra (a Ola) e Patrycia, polonesas, chegaram no mesmo semestre que eu, também para um intercâmbio. Mariela (princess Mari, como eu gostava de chamar) é da Bulgária, e chegou junto comigo na cidade, no mesmo trem. Anna, ucraniana, morou em casa por apenas um semestre, e depois dela chegou a Reni, também da Bulgária e amiga da Mari. No quartinho extra do segundo andar, também recebemos a Inês, uma portuguesa amiga de Nadine e Raquel, e depois minha amiga

também; e a Maria, da Espanha, que ficou lá temporariamente no final do nosso intercâmbio.

Eu gostava muito da companhia das meninas, e era muito interessante conhecer a cultura delas na vivência diária, fazendo café da manhã ou um almoço diferente. Foi a Mari quem me contou das tradições da Bulgária, como o dia de Baba Marta, em março, quando cai a última neve do inverno. Com Ola e Patrycia experimentei a vodka da Polônia. E Raquel me levou para a casa dela, em Aveiro, para conhecer o Carnaval de Ovar, o maior de Portugal.

Além das meninas de casa, também conheci outros colegas intercambistas, como os italianos, de quem me aproximei mais. Mas a grande alegria foram os bons amigos brasileiros com quem cruzei no caminho.

No primeiro semestre, conheci outra brasileira, a Maísa, que estava tão perdida quanto eu sobre as disciplinas. Juntas, frequentamos várias aulas diferentes e montamos nossa grade do semestre. E depois disso não nos desgradamos mais. Fazíamos tudo juntas, inclusive os trabalhos de Webjornalismo e as viagens promovidas para os intercambistas. Foi a Maísa quem topou me acompanhar na primeira grande viagem pela Europa, para Paris. Uma aventura à parte.

No segundo semestre, a Maísa teve que ir embora e eu fiquei, mas acabei conhecendo a Thamires em uma aula de programação. Eu gostei da disciplina e continuei, a Thamires não. Achamos uma outra disciplina em comum e, pouco a pouco, muitos interesses também. A Thamires topava qualquer programa, mesmo que fosse ir para biblioteca em um sábado à tarde para terminar um projeto. Até hoje ela topa tudo, mas agora nossos encontros são espaçados, porque ela mora no Rio de Janeiro e eu em Juiz de Fora.

Sem dúvida, meus amigos marcaram positivamente o intercâmbio, e me ajudaram a lidar com pequenos períodos de desespero e saudade de casa. Eu amava estar na Covilhã, mas sentia muita saudade dos meus pais, e eventualmente sentia um choque cultural bastante forte.

Nesses momentos, eu tinha certos rituais para me acalmar. Gostava de frequentar o Mirante das Portas do Sol, logo acima da minha casa, e

observar a paisagem. Também me refugiei muito na Biblioteca da UBI, um prédio grande e imponente, que funciona 24h por dia, com internet e aquecedor gratuitos (e uma boa máquina de café). Passei tardes, noites e madrugadas lá, estudando e fazendo os projetos finais para as disciplinas. Thamires e eu também gostávamos de andar pela cidade, e fomos parar em outros concelhos buscando um campo de margaridas (e achamos). Eu também gostava de ficar isolada no meu próprio quarto. Apesar de alugado, consegui deixá-lo bastante agradável e aconchegante, e passei muitas noites de sexta tomando vinho de dois euros e assistindo filme.

O período que passei na Covilhã foi muito bom. Na UBI, pude frequentar disciplinas diferentes daquelas oferecidas pelo meu curso aqui no Brasil. E como tínhamos um tipo de "passe livre de intercambista", eu podia frequentar qualquer aula de qualquer curso. Foi assim que estudei programação, e fiz uma aula do curso de Mestrado em Relações Públicas e Publicidade e Propaganda. Foram dois semestres muito proveitosos e enriquecedores, acadêmica e pessoalmente falando. Até hoje mantenho algum contato com professoras e colegas que conheci durante esse período estudando na UBI - e inclusive tive a chance de estudar com um professor que é referência para a área da comunicação, o João Canavilhas.

Além dos bons amigos e dos estudos, o intercâmbio me possibilitou conhecer um pouco do mundo, também. Estando na Europa, consegui conhecer alguns países que desejava muito. Com a ajuda dos meus pais, fui a Paris, Madrid, Roma e Atenas. Em Portugal, também tive a chance de conhecer Lisboa, Sortelha, Belmonte, Paul, Braga, e a região de Aveiro e do Algarve. No final do meu intercâmbio, minha mãe foi me visitar e juntas voltamos a Paris e Roma, e fomos conhecer Veneza e Barcelona, e Sintra e Fátima em Portugal.

As grandes viagens marcaram meu período fora, sem dúvidas. Mas ainda hoje me pego lembrando de momentos quase corriqueiros pelas ruas da Covilhã. Lembro de algumas ruas das quais eu gostava, de escolher casas favoritas e imaginar como seria morar ali. A cidade me passava um ar de liberdade que raramente experimentei de novo - talvez por ser um local pequeno, mais pacato. Também gostava de observar as laterais dos prédios. Muitos deles eram pintados e faziam parte do festival de arte urbana da cidade. Acho que minha pintura favorita era a que ficava no

muro lateral do Miradouro das Portas do Sol, uma ilustração chamada “Fio Condutor”, de REGG; e a pintura em negativo “Arrebatamento”, do artista Bosoletti, também era de tirar o fôlego.



Um outro diferencial da cidade, e que fez minha alegria em algumas noites, era a padaria no alto da Rua da Saudade. Ela ficava aberta durante a noite, preparando pães e quitutes que seriam distribuídos pela manhã, e lá também atendiam quem passasse por ali querendo um docinho. O bolo de cenoura com cobertura de chocolate me ajudava a amenizar um pouco a saudade de casa, mas o croissant recheado com creme de avelã era o meu favorito. O difícil mesmo era chegar até lá, já que a Rua da Saudade era uma das últimas ao pé da serra.

Hoje, lembrando de tudo isso, sinto saudade até das ruas íngremes e do frio quase paralisante. Fui muito feliz durante o intercâmbio. Aproveitei as oportunidades que me surgiram, estudei, fiz projetos dos quais me orgulho, conheci pessoas especiais, e voltei para casa sabendo que existe muito mais lá fora do que eu jamais poderia imaginar. O intercâmbio da UFJF me possibilitou ir além das minhas fronteiras físicas, emocionais e acadêmicas. Voltei para o Brasil com a cabeça em outros lugares, procurando experiências parecidas como aquela. Costumo dizer que uma vez que eu vi e conheci o mundo, nunca mais vou esquecer ou me contentar com somente uma parcela dele.

Gostaria de aproveitar a oportunidade para agradecer à Diretoria de Relações Internacionais por tornar tantos sonhos possíveis. E agradecer especialmente à UFJF pela oportunidade, ou melhor, pelas oportunidades. Desde o primeiro momento em que pisei na UFJF, no PISM em 2011, soube que queria estudar aqui. Foi uma felicidade imensa ser aprovada no vestibular e então vir estudar na UFJF. Anos mais tarde, mais uma grande alegria: a aprovação no intercâmbio. E então, a formatura e a colação de grau. E agora também o Mestrado. É uma grande conquista poder dizer que sou cria da escola pública e cria da UFJF. Minha amada universidade, obrigada pela acolhida, obrigada pelas oportunidades, obrigada pelo mundo.

E deixo também um abraço especial a Máisa, Thamires, Leandro, Lucas, Fabi, Mariana, Karen, Haphisa, Sophia, Luís, Giovanna, Wal, Rebecca, Sônia, Ana Catarina, Raquel, Nadine e Inês – as pessoas que fizeram meu intercâmbio ser ainda mais especial.

Continuo entranhadíssima.



UM SEMESTRE EM ÉVORA

Eliza Feres de Moura Botelho

"A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem se prolongar em memória, em lembrança, em narrativa. [...] O fim duma viagem é apenas o início doutra. [...] É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre."

José Saramago

O projeto que culminou na realização do intercâmbio institucional promovido pela UFJF começou bem antes de sequer tê-lo cogitado. A possibilidade de ingressar em uma universidade pública era meu desejo inicial e o que me possibilitou agregar diferentes visões de mundo, valores e vivências a partir de um ambiente educacional formal.

Dentre as variadas concepções concorrentes acerca da finalidade da instituição universitária, ou mesmo da educação superior, a que mais defendo é aquela que ressalta sua contribuição na formação cidadã, e não somente enquanto profissional - bem mais reforçada que a anterior.

Ingressei na UFJF para cursar o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e posteriormente optei pelo Turismo como segunda graduação. No curso de Turismo, as viagens de estudo são tópicos das primeiras aulas, dentro do tema mais abrangente que traça sua evolução histórica enquanto prática social. Ali conhecemos sobre os "Grand Tours" e como os viajantes das elites europeias puderam desfrutar do contato com povos e culturas a partir de seus deslocamentos motivados pelo prazer e pela educação ou erudição. Aos poucos, essa prática foi ganhando importância social e outras classes ampliaram sua aderência... os intercâmbios acadêmicos nascem, de certa forma, deste fenômeno, ainda que guardem muitas diferenças atualmente, em especial, pelas novas tecnologias de transportes.

Também estudamos os efeitos das viagens, em suas diversas dimensões, na experiência de uma pessoa. Por causa disso, meus deslocamentos me deixavam ainda mais atenta e sensível para fazer leituras de mundo, pois me lembravam das categorias que eu havia aprendido, especialmente da beleza da alteridade e da inegável xenofobia.

Após dois anos de intensa vivência e engajamento nas atividades acadêmicas, me inscrevi para o intercâmbio institucional da UFJF incentivada pelo meu namorado à época - e ainda meu empolgante companheiro - o Matheus. Não botei muita fé que seria algo viável para mim, mas aceitei o incentivo para tentar. Ao final do processo seletivo, deparei-me com a real possibilidade de participar, tendo sido aprovada. Desde a inscrição até a data de partida ainda tive minhas dúvidas se daria mesmo certo esta jornada. Era como se tivesse ganhado um respiro para experimentar um novo espaço-tempo.

Ainda sentada no avião que taxiava na pista do Galeão, até o último minuto da decolagem do voo que me levaria a Portugal e sobrevoaria parte da África e lugares que eu só guardava no meu imaginário territorial, me despedi dos meus familiares sem, contudo, ter muitas garantias do que seria aquela experiência. Quando o avião decolou, pensei: agora, se algo sair errado, eu simplesmente volto. Era a primeira vez que eu, criada em uma cidadezinha do interior mineiro chamada Ressaquinha, saía do Brasil, aos 22 anos.

Muito se falava - inclusive em tom de críticas - do programa Ciências Sem Fronteiras (CsF 2011-2016) por promover "turismo para estudantes". Eu cursei Turismo e fui turista em Portugal. Fiz as duas coisas e uma não impediu a outra, pelo contrário, como turismóloga, não posso deixar de ressaltar como a viagem potencializa a aprendizagem e dá a ela a chance de acontecer in loco, no "laboratório" das humanidades, ou seja, no mundo social e para além dos limites da universidade, como uma escola invisível.

Por outro lado, é importante mencionar que fui intercambista pelo Programa de Intercâmbio Institucional de Graduação (PIIGRAD) da UFJF. Este destaque se faz necessário porque o CsF privilegiava as áreas tecnológicas inicialmente. Assim, foi de grande importância a inclusão, pelo nosso programa da UFJF, de estudantes de áreas não contempladas pelo programa federal. Além disso, o PIIGRAD também oferecia vagas para destinos outros, ampliando as opções para além das nações tradicionalmente receptoras, favorecendo um ambiente internacional mais diverso dentro e fora da instituição e fazendo isto de maneira mais orgânica.

A Universidade de Évora, onde estudei, está localizada no sul do país e foi a segunda a ser criada em Portugal, depois da Universidade de Coimbra.

A história da universidade está fortemente ligada ao seu passado vinculado às ordens religiosas católicas e fases de transformações políticas e culturais pelas quais passou Portugal, até que teve início, a partir 1979, o modelo institucional e de gestão que perdura até então, e as tendências contemporâneas da Educação Superior na Europa. Preservou, contudo, seu patrimônio arquitetônico e as tradições amplamente conhecidas, como o uso dos “trajes” pelos estudantes, principalmente em eventos ou cerimônias acadêmicas. Atualmente, possui 8060 estudantes, dentre os quais, 1520 são internacionais (<https://www.uevora.pt>).

Durante o semestre, cursei as disciplinas de Turismo Internacional, Introdução à História da Arte, Ciências sociais e Turismo, e Valorização do Patrimônio Cultural. Nesta última, eu e meu grupo de trabalho, que contava com colegas intercambistas da Museologia da UFMG, criamos um roteiro turístico baseado na obra do escritor Virgílio Ferreira (1916-1996) em sua fase eborense, tendo ganhado reconhecimento do docente como criativo e inovador. Este roteiro foi inspirado em atividade que desenvolvi no Grupo de Educação Tutorial (GET-Turismo) na UFJF, nele estudávamos modelagens urbanas e obras literárias para roteirização turística e criação de material didático a partir das obras de José Saramago (1922-2010) com o professor Humberto Fois-Braga. Este projeto também me levou a conhecer a Casa dos Bicos, um dos núcleos do Museu de Lisboa, onde funciona a Fundação José Saramago, Nobel da Literatura, abrigando a sua biblioteca e contendo uma exposição permanente sobre o autor.

Próximo à data de retorno, realizei, de maneira voluntária, um curto estágio no Hostel Santantao, local onde me hospedei na minha primeira semana em Évora. Sob a supervisão do senhor Nelson, atuei junto aos processos de gestão deste tipo de hospedagem, muito comum entre jovens e mochileiros. O hostel está situado no centro histórico de Évora, espaço urbano classificado como patrimônio mundial pela UNESCO.

Como atividade acadêmica, participei do “Colóquio: Literatura, viagens e turismo cultural”, organizado pelo Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT-ULisboa), em parceria com várias instituições: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE), Centro de Investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL), Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (França) e Universidade Federal Fluminense (UFF-Rio de Janeiro, Brasil). Foi uma rica oportunidade que me aproximou da produção científica e de novos colegas e professores neste evento, ocorrido em Lisboa.

Por fim, cabe mencionar que morei com minhas amigas da UFJF na memorável Rua do Imaginário, onde vivemos muitos momentos mágicos: aproveitamos a agenda cultural da cidade, criamos um lar em Évora e dividimos diversos aprendizados sobre a vida. Amizades que se tornaram fundamentais como ponto de apoio, enquanto estrangeiras. Seguimos caminhos diversos após o retorno, mas todas prosseguiram com suas formações acadêmicas e/ou profissionais, nos inspirando mutuamente em nossos projetos de vida.

No pós-intercâmbio, muitos projetos me despertaram o desejo de estender, de alguma forma, a experiência trazida pela mobilidade e suas vivências. Um deles foi a coordenação, durante seus dois anos iniciais, do Projeto Buddy, que consiste em aproximar e criar condições para que estudantes locais atuem no acolhimento de estudantes internacionais, de modo semelhante às ações de integração de estudantes do Programa Erasmus. A identificação desta demanda e modalidade de integração estudantil partiu da amiga e antropóloga Evelize Cristina Moreira. Tem como contribuição incentivar a “internacionalização em casa” e auxiliar na promoção do receptivo da UFJF no exterior. O projeto contou com o apoio da Diretoria de Relações Internacionais da UFJF e está ativo até hoje, contando, atualmente, com melhorias nos processos de gestão protagonizadas exclusivamente por iniciativa estudantil e com a promoção de variadas atividades que podem ser conferidas no Instagram @projetobuddy.

Dessa forma, durante minha graduação, envolvi-me nas atividades de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização. Vendo, então, a possibilidade de participar delas também na pós-graduação, ingressei no Mestrado Acadêmico em Administração na UFJF. Ali, tive oportunidade de conhecer e atuar como orientadora de Gestão de Projetos no Laboratório de Gestão Pública e Social, e me engajei em mais um novo projeto, dessa vez, junto aos refugiados.

Desde 2019, venho trabalhando voluntariamente na implantação da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM) do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR/ONU), proposta levada e também aderida pela Diretoria de Relações Internacionais em parceria com a Pró-reitoria de Extensão da UFJF.

Destaco que ações como estas fortalecem a liderança e iniciativa estudantil tanto na graduação, quanto na pós-graduação, contribuindo com a gestão universitária e promovendo repercussões em rede para a UFJF.

Este relato pessoal é resultado dos efeitos das políticas educacionais brasileiras e das políticas institucionais próprias da UFJF na minha trajetória pessoal e onde elas se perfazem em meus projetos coletivos, enquanto estudante universitária brasileira que pôde acessar direitos e que busca retornar à sociedade o que aprendeu e tem aprendido.

Por este motivo, registro meu agradecimento a todas as políticas e instituições que oportunizaram esta jornada, na esperança que todos os avanços promovidos não se percam e que os investimentos em Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação possam ser retomados como pautas prioritárias e estratégicas do desenvolvimento de uma nação soberana.



Foto: acervo pessoal. Templo Romano de Évora, Sé de Évora, Tribunal da Inquisição, Igreja e Convento dos Loios e o Museu - Centro histórico. 2014.

DOIS SEMESTRES NO MINHO

Igor Sanches Marini

Minha experiência com o intercâmbio se inicia muitos anos antes da minha viagem, pois desde calouro (em 2013) eu vinha batalhando por uma oportunidade de ser contemplado com uma bolsa de intercâmbio. Infelizmente a cada ano que se passava as vagas iam se tornando cada vez mais limitadas, as oportunidades escassas, conforme a política regional e nacional mudava, paralelo a isso o número de candidatos por vaga se tornava cada vez maior. Após incessantes tentativas, no ano de 2019 eu consegui a vaga, um aluno com experiência acadêmica, trabalhos e grupos de pesquisa em andamento, estágios, bolsas, bem como uma proposta sólida de pesquisa em uma universidade alinhada com os mesmos objetivos que os meus.

Sempre tive um interesse particular pela área de História e Design, minhas duas escolhas no vestibular quando passei para a UFJF. Grata foi a minha surpresa em conseguir conciliar esses meus dois interesses em uma universidade que atrelasse o pensamento arrojado do design, pós década de 70, com o zelo patrimonial, característica muito forte em universidades europeias.

Meu destino foi a Universidade do Minho, o campus onde se situava o Instituto de Design era na cidade de Guimarães, conhecida por ser um dos principais pontos de formação de Portugal, local do primeiro centro administrativo do Condado Portucalense, e local onde nasceu D. Afonso Henriques (foto ao lado).



Eu junto à estátua de D. Afonso

A importância histórica desse evento, deu a Guimarães o Título de "BERÇO DE PORTUGAL" fazendo com que a cidade fosse referência na história e conservação do patrimônio português. O curso de Licenciatura em Design de produto me proporcionou grandes experiências, tanto pela infraestrutura da universidade, quanto pelos métodos de ensino, mais focado na prática, e nas experiências laboratoriais fora de sala de aula. Deparei-me com outras perspectivas no trabalho com o Design, um curso focado 100% em design de produto, que tem seu forte nas tecnologias de prototipagem, com ferramentas de ponta em processos de aditive and subtractive manufacturing. Foi em um desses laboratórios o ACLab (Advanced Ceramics R&D Lab), que amadureci alguns conceitos de pesquisa na preservação do patrimônio ponderados pela ótica do design de produto e arquitetura.

Ao ser contemplado com uma bolsa pela UFJF, busquei formas de fazer meu orçamento de seis meses durar um ano, economizando no intuito de conseguir cursar mais disciplinas no semestre seguinte, que me dessem base para realizar a matéria final do curso, (matéria oferecida aos alunos prestes a formar, com o intuito de integrá-los a uma empresa ou laboratório de pesquisa para adquirir experiência), me tornando o primeiro aluno intercambista no curso de design a cursar o semestre final junto a uma turma regular, me "formando" junto aos meus colegas de classe (foto abaixo - Minha apresentação de projeto).



Essa experiência não só me trouxe um amadurecimento na vida acadêmica, como foi o início para meu projeto de TCC quando retornei ao Brasil, me gerando frutos na entrada para o mestrado, bem como convite de diversas instituições para a apresentação do meu projeto e expandindo meu nome como pesquisador. Embora tenha dado grande foco ao meu percurso profissional durante o intercâmbio, não poderia deixar de mencionar outras oportunidades que tive: a UMINHO me proporcionou a chance de participar de atividades esportivas junto ao corpo de atletas da universidade, e, assim, fui levado para outros países pelo time de Kickboxing e de Vôlei da universidade. Durante esses torneios conquistei medalha de prata em uma das competições de kickboxing acadêmicas mais importantes da região (foto abaixo) - Condecoração dos atletas participantes)

A cena cultural, seja ela na região ou fora do país, foi outro de meus roteiros de viagem, museus, centros culturais, festivais tradicionais, exposições centenárias, eventos tradicionais acadêmicos e etc... me fizeram compreender como é vasto e distinta a identidade de uma região, e como eles se orgulham disso.

Em somatória às práticas culturais, obtive uma sobrecarga de conhecimento durante as trocas que tive com outros alunos Erasmus, que dividiam o comigo o mesmo espaço dentro da UMINHO.

Acompanhar vida de um aluno Erasmus ou português, assim como conviver com a vida de brasileiros que fizeram sua vida por lá, me trouxeram uma das vivências mais estimulantes de toda a minha vida.



Sou extremamente grato a toda a experiência que tive, e ainda sinto que devo à UFJF; preciso contribuir mais, publicar mais, impactar mais pessoas com o meu trabalho, sinto que preciso fazer com que o investimento concedido a mim gere frutos e um retorno acadêmico e social para Juiz de Fora e região. É minha única forma de ser grato, como um filho da UFJF que percebeu que tem potencial para fazer muito mais. O intercâmbio é uma das experiências que mais me edificaram e me fizeram amadurecer profissionalmente e como pessoa. O mundo é muito grande e ele pode nos oferecer experiências incríveis, nós podemos e merecemos tudo isso. Infelizmente a realidade de muitos de nós não nos permite tirar os pés do chão, jovens de classe média/baixa que nunca pensaram em nada além de ter um emprego padrão e um diploma debaixo do braço, que nunca se permitiram sonhar com algo mais.

É essa a importância de ações como as que vêm sendo realizadas pelo PIIGRAD na formação acadêmica do universitário, ver o mundo não é só uma forma de expandir nossos horizontes, mas é também é uma maneira de elevar nosso patamar de exigência e ambição com nossas próprias vidas.



Reunião entre os alunos Erasmus

IIINSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE

Letícia da Silva Fernandes

Decidi estudar na UFJF com foco completo no PII-GRAD. Em tempos de cortes de bolsa e extinção do Ciências Sem Fronteiras, era a Universidade, dentro do meu radar de possibilidades, que poderia me fazer chegar a um intercâmbio.

Então, posso dizer que a minha ida para outro país via intercâmbio era almejada desde a escola. Nesse sentido, despendi todos os meus esforços desde a entrada no curso de Jornalismo para cumprir esse objetivo, com a participação em palestras e simpósios, bolsas de Porto, Portugal. A visita proporcionada por excursão da faculdade treinamento profissional, Iniciação Científica, Global July e afins.

No segundo semestre de 2018, realizei o meu sonho com a ida para o Instituto Politécnico de Portalegre-IPP, em Portugal. Escolhi a cidade e a universidade baseada no custo de vida que eu poderia pagar no momento. No IPP cursei Comunicação Organizacional – que hoje tem tudo a ver com o meu exercício profissional. Apesar de ter estudado fora, o que hoje eu exerço na prática, a parte mais rica do meu intercâmbio não foi a sala de aula, como eu já esperava, mas os finais de semanas e feriados de viagens. Percorri outros dez países durante as folgas na escola. Aprendi a me guiar por mapas, a falar inglês com mais fluência do que em toda uma vida de



curso, a fazer contabilidade para o dinheiro render até o final do intercâmbio, a conviver com diferentes pessoas, a me proteger totalmente sozinha e a explorar novas culturas.

A essência de um jornalista é a sua curiosidade, é experimentar de tudo, saber falar sobre tudo. Conheci museus, igrejas, pessoas e culturas que me marcaram, me mudaram e me fizeram quem eu sou. Aprendi que preciso de pouco para sobreviver em quantidade de bens materiais, apenas uma mochila com algumas roupas quentes e que o mundo é grande demais, com pessoas demais e tempo de menos para absorver todos os conhecimentos que eu gostaria.

Sem sombra de dúvidas, o intercâmbio foi a experiência que mais me marcou. Além de fazer amigos que eu trouxe para a vida, a minha posição profissional atual tem muita influência da decisão que eu tomei em 2017, de me aplicar no PII-GRAD. Sou muito grata à UFJF pela oportunidade que me foi dada de representar a nossa instituição em outro país, fiz jus a isso dentro e fora das salas de aula e aproveitei todas as possibilidades que o intercâmbio me proporcionou.

Quando lembro do intercâmbio que fiz em Faro, Portugal, experiencio na memória todos os âmbitos que fizeram aquele meu 2019 ser incrível. O dia a dia na Universidade do Algarve (UAlg), o estudar para as disciplinas, os pores de sol, as viagens e a residência universitária fizeram valer a pena cada sonho que tive desde que comecei na faculdade de Jornalismo da UFJF – eu sabia o quão significativa a internacionalização poderia ser para a minha vida pessoal e profissional. Por isso a ávida vontade daquela vivência desde o início.

A UAlg é linda. Tem muitas árvores, bicicletário, comida boa e professores que inspiram. Cerca de dois mil alunos estrangeiros vão para lá todos os anos, o que faz dela uma das instituições portuguesas de ensino mais internacionais que você respeita. Frequentei os dois campi da cidade, o de Gambelas e o da Penha. No primeiro semestre eu "só" estudei, ficava entre as bibliotecas e a moradia estudantil. No segundo, me revezei entre os campi e o trabalho num supermercado. Puxado, mas necessário.

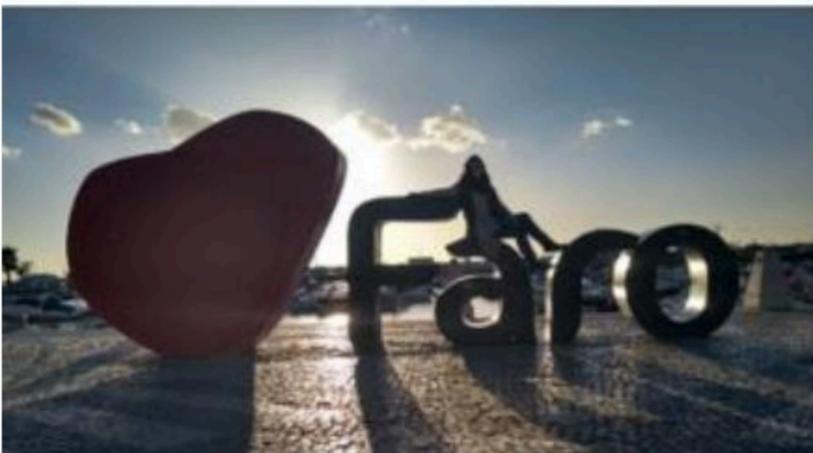
Pouco depois da minha chegada em terras algarvias, fui morar no Ferragial, um dos alojamentos da UAlg. 14 pessoas por apartamento, 28 por andar. Três andares cada prédio. Dois prédios: Ferragial 17, masculino; Ferragial 16, misto. Três geladeiras, três chuveiros, três privadas, três espelhos. Uma sacada que liga um apartamento ao outro, que liga também as particularidades de cada pessoa, as longas e diárias refeições coletivas e a felicidade das trocas compartilhadas. Um mundo de gente trazia o mundo todo para lá: eu e outros conterrâneos fomos o Brasil naquela experiência; na cama ao lado, minha colega de quarto foi a Guiné-Bissau; na porta da frente, gajas portuguesas endossavam o rolê multicultural em que nossos corações e cotidianos se confundiam.

Cotidianos que, como cenário, nos tinham à beira da Ria Formosa, à luz avermelhada do entardecer das 20h do sol que se despedia. Uma beleza que avivava em mim a não desistência de um futuro mestrado. Que avivava o meu viver no mundo da lua, minhas viagens nesse pôr do sol e meus planejamentos de viagens reais. Elas, inclusive, foram um sonho à parte. A parte que concretava os anseios culturais que habitavam em mim – cursei Línguas, Literaturas e Culturas não foi à toa, "bebé". Afinal, fazer intercâmbio também não é viajar? Pois.

Intercâmbio é uma daquelas oportunidades para nunca se esquecer dos lugares por onde passamos, das pessoas que conhecemos e dos momentos que vivenciamos. Ele expande personas, aflora versos e aprimora nossas versões de nós mesmos. Para um mundo, assim como ele, balizado pelas tantas conexões que fazemos vida afora. Profissionais, pessoais e transferíveis.

Saudades, né, minha filha?

Saudades.



SONHO REALIZADO

Maria Clara Alves de Rezende Rocha

Era final de agosto de 2019 e estava embarcando para viver um grande sonho. Meu intercâmbio foi realizado no Instituto Politécnico de Portalegre, na região do Alentejo em Portugal, a uma hora da Espanha. Aqui fiquei até o final de fevereiro de 2020, poucos dias antes de entrarmos em isolamento total devido à pandemia da COVID-19. Porém, os seis meses que vivi em Portugal, foram transformadores e os melhores que vivi durante os meus 23 anos; conheci pessoas fantásticas com as quais me relaciono até hoje e vivenciei experiências únicas e criei memórias e momentos que levo sempre comigo.

Sempre fui uma pessoa tímida e introvertida, mas sentia constantemente necessidade de me desafiar, sendo que o primeiro desafio que me propus foi sair de Belo Horizonte, de onde sou natural e iniciar minha graduação em Juiz de Fora, em 2017. Dentro da universidade, expandi muito aquela bolha em que vivia; e, desde o primeiro momento em que pisei na universidade, fui em busca da aproximação com a internacionalização; daí encontrei a Diretoria de Relações Internacionais e o PIIGRAD. Desde muito nova me interessei por temáticas relacionadas a viagens, culturas e idiomas, sendo um dos motivos por que optei por cursar turismo e sempre tive vontade de fazer um intercâmbio e vivenciar a outras tradições e o PIIGRAD veio para mim como uma imensa oportunidade.

Após entrar na universidade, conhecer a DRI e entender como funcionava o PIIGRAD, fui em busca de traçar um plano para que eu pudesse realizar o intercâmbio em 2019, e, dessa forma, realizei pesquisas sobre locais em que gostaria de vivenciar essa experiência. Portugal foi o país que eu escolhi principalmente devido ao custo que eu teria para viver um semestre por lá, e o Instituto Politécnico de Portalegre foi devido a grade de matérias disponíveis para o turismo que poderia complementar a minha formação aqui no Brasil. Dessa forma, comecei a participar de inúmeros projetos e eventos dentro da UFJF que conversavam com o meu curso e que me ajudariam no rendimento acadêmico. Dessa forma, consegui a vaga para participar do programa e embarquei nessa nova etapa.

Cheguei a Portugal, três semanas antes de começarem as aulas para iniciar minha adaptação, passei duas semanas em Lisboa para conhecer a capital. E que experiência sensacional viajar sozinha para um país novo!

E após essas duas semanas, enfim, segui o caminho para Instituto onde iria estudar. O trajeto de Lisboa a Portalegre foi feita de ônibus e demorou por volta de três horas e, ao chegar lá, o responsável pela residência de estudantes me aguardava para me levar ao local onde iria morar e durante o caminho ele me apresentava a cidade. O quarto era compartilhado e minha companheira foi uma brasileira do Paraná que estava realizando o mestrado. Na residência estudantil viviam pelo menos 100 estudantes, sendo a grande maioria de Portugal, Brasil e do continente africano. A troca cultural que acontecia ali dentro era fantástica, muitas conversas eram feitas e muitas aprendizados eram repassados.

Minhas aulas começaram na terceira semana de setembro de 2019, sendo que optei por realizar disciplinas que não eram ofertadas aqui no Brasil e acrescentei outra voltada para o estudo das políticas públicas de Portugal e o idioma alemão. Minha experiência acadêmica foi bem interessante, conheci a forma de estudar dos portugueses através de trabalhos em grupos e como os professores lecionavam as aulas.

Emergi totalmente na cultura e me dispus a viver tudo da forma mais intensa possível, mas como nem tudo são flores, tive muitas questões no caminho, saudades da famílias, às vezes era bem difícil, mas quando você encontra pessoas em situações parecidas com a suas, você se sente abraçado. A parte acadêmica foi a mais complexa, pois não consegui me adaptar muito bem ao formato deles e não sentia muito acolhida pelos professores e pelos alunos, porém eu entendia que isso era devido à cultura deles e a forma como eram acostumados a viver.

No Brasil, eu era bem ativa na universidade, e no instituto não senti essa abertura para alunos estrangeiros, mas a experiência em entender a linha de pesquisa acadêmica do turismo em Portugal estando lá foi incrível. Além disso, em feriados e durante as férias do semestre, tive a possibilidade de viajar para outras países e conhecer ainda mais outras culturas, outras tradições e fazer mais amizades.

Eu sou infinitamente grata por ter vivido essa oportunidade, foi essencial para a minha desenvoltura pessoal, pois consegui criar muitos laços e relacionamentos com as pessoas, me soltei mais e me senti mais livre para ser quem eu sou, e também para o lado profissional, pois apesar de gostar muito de estudar o turismo e de todas as suas vertentes, quando fui para o intercâmbio me sentia muito perdida sobre o que seria no futuro e qual direcionamento deveria tomar. A partir das conversas trocadas com outras



peças e a possibilidade de ter me conhecido melhor, consegui entender o que eu precisava fazer, e, apesar de ter entrado na pandemia, assim que retornei, o intercâmbio foi a virada para me tornar a pessoa de hoje, trazendo visões de tudo que eu vivi durante esse período.

E antes de encerrar esse registro, deixo uma foto do primeiro momento que cheguei em Portalegre e me senti aberta a viver tudo o que tivesse para viver e aprender.

E para finalizar, gostaria de dizer que, apesar das dificuldades que certamente você encontrará durante o seu intercâmbio, você não deve jamais desistir de realizá-lo, é o momento que você irá se conectar com você mesma, entendendo e conhecendo os seus limites, aonde você quer chegar profissionalmente e o que você quer realizar pessoalmente. E o que eu sempre digo para quem me pergunta sobre o intercâmbio: Esteja aberta e disposta a viver esse momento único, tudo será um constante aprendizado.

UM SEMESTRE EM COIMBRA

Maria Eduarda Pereira dos Santos

Acumulei por anos expectativas sobre uma viagem de intercâmbio e a verdade é que Coimbra juntou cada uma delas e me mostrou que tive pouca imaginação.

Nenhuma versão fantasiosa que criei do que iria acontecer chegou perto do charme da realidade.

Lembro que queria, por exemplo, ter contato com professores extraordinários, mas nunca teria arriscado pensar que a presidente do Centro Científico e Cultural de Macau em Lisboa, a pós Doutora Carmen Amado Mendes, cujo currículo estratosférico não ousa resumir, aceitaria fazer parte da minha banca de tese de conclusão de curso.

É difícil que se passe um dia tanto na advocacia quanto na minha vida pessoal sem que alguma ferramenta do que ela lecionou na disciplina de negociações internacionais me ajude, então foi natural que eu quisesse repassar esse aprendizado para o curso de Direito e para a minha universidade.. A dissertação foi uma das formas que encontrei para isso.

O objetivo era pesquisar sobre o surpreendente fenômeno de quando um país com menor poder político-econômico no plano internacional vence uma negociação contra uma grande potência. Descobrir se as estratégias utilizadas nessas negociações desiguais poderiam auxiliar a situação análoga das vítimas de violações de Direitos Humanos, tantas vezes hipossuficientes, que litigam contra Estados ou grandes sociedades empresárias.

O primeiro passo, condigno com uma dissertação de conclusão de curso, foi avaliar se seria possível, e de qual forma, adaptar as técnicas de negociações internacionais ao ambiente de uma audiência judicial. Os resultados da pesquisa empírica foram muito positivos e tive inclusive notícia de um juiz sobre a implementação de algumas dessas ideias no cotidiano do fórum de Juiz de Fora.

Outra oportunidade única foi a de ser ouvinte das aulas de Doutorado do Centro de Estudos Sociais (CES) de Coimbra, cujo diretor emérito é o Dr. Boaventura de Sousa Santos. O contato com o CES foi um dos principais motivos para que eu escolhesse o intercâmbio para Portugal e realmente

fez por merecer essa seleção. Participei de aulas com doutorandos de nacionalidades diferentes, argumentando em línguas diferentes e sob perspectivas que me eram completamente desconhecidas. Mantenho contato com algumas pessoas desse ambiente até hoje.

Mais um privilégio foi o de ser delegada na primeira simulação da Organização Internacional do Trabalho (OIT) na Europa e o de representar os brasileiros numa competição da disciplina de direito constitucional de Coimbra. O sucesso nessas experiências aumentou a minha confiança para buscar vagas concorridas como a do estágio no Ministério Público Federal, em que eu entrei logo depois do meu retorno ao país.

Nas férias, em vez de voltar direto ao Brasil, juntei algumas economias próprias com a chance de já estar na Europa e viajei. Fui a primeira da família a ter acesso a visões como a Capela Sistina, assistir a um espetáculo no Teatro de Londres, visitar a Catedral de Notre Dame e vislumbrar o Parlamento Húngaro. Conheci países, pessoas, e versões de mim que estariam fadadas a uma mera potencialidade que não encontra concretude, como acontece com tantos brasileiros que não tiveram a oportunidade que a UFJF me entregou.

Quanto às amizades talvez baste dizer que mesmo seis anos depois, minha companheira de intercâmbio, uma húngara que era na época estudante de medicina, me liga toda semana enquanto passeia com a sua filha (que definitivamente vai aprender português). Enfrentamos juntas os desafios de viver um outro país e, agora, os de enfrentar qualquer dia.

Eu não sei quem eu seria se a UFJF, o Piigrad e a Universidade de Coimbra não tivessem me dado a chance de ser quem eu sou hoje mas eu realmente detestaria descobrir. Sei que demanda uma equipe de pessoas extremamente dedicadas para fazer com que os estudantes de graduação consigam viver um sonho que muitas vezes, até por falta de acesso, nem sabem que possuem. Queria agradecer cada pessoa que não desistiu da minha bolsa, da minha vaga, da minha chance de ter mais do que a realidade brasileira permite para maioria de nós. A persistência de vocês mudou a minha vida e eu prometo sempre tentar fazer por merecer tudo isso.

DOIS SEMESTRES EM COVILHÃ

Maria Fernanda Sena Gusmão

O período que estive na Covilhã foi, sem dúvidas, a maior experiência tanto na minha trajetória acadêmica, quanto na profissional e pessoal.

Na Universidade pude conhecer diferentes metodologias de ensino cursando diversas disciplinas e, fora da sala de aula, a própria cidade demonstra - dentro da minha área de atuação - diversas soluções urbanas que, aqui no Brasil, pareciam utopias.

As soluções de projeto e de desenho urbano, na utilização de elevadores, funiculares e pontes para pedestres demonstram como o urbanismo pensado para o pedestre torna a cidade um espaço mais humanizado.

A cidade respira arte e a cada dois anos recebe um festival de arte urbana, que dá voz e espaço a artistas de todo o mundo.

Sem dúvidas a experiência proporcionada pelo PIIGRAD abriu a minha cabeça e me mostrou novas perspectivas, diversos caminhos e soluções urbanas antes jamais imaginados, para que eu pudesse me tornar a profissional que sou hoje. Sou extremamente grata pela oportunidade e por tudo que levo deste intercâmbio, que hoje posso retribuir com a minha formação.



UM SEMESTRE EM ALGARVE

Paola Cumani Brion

Fui para a Universidade do Algarve, localizada na cidade de Faro, Portugal no segundo semestre de 2017, estudar Arquitetura Paisagista.

A princípio, foi necessária uma adaptação, devido ao fato de estar indo morar sozinha pela primeira vez e por estar em um país com cultura, pessoas e costumes tão diferentes do nosso. No entanto, essa adaptação foi super rápida e tranquila, principalmente por ter visto que esta seria uma das melhores experiências da minha vida (se não a melhor!).

Faro é uma cidade pequena, mas cheia de histórias. A universidade é lindíssima, as praias do Algarve são paradisíacas e a cidade possui muitos estudantes (inclusive brasileiros), o que nos permitiu ter uma vida social bastante agitada.



Além disso, a Universidade recebe inúmeros intercambistas de diversos países, o que torna a experiência ainda mais única, pois nos coloca em contato com pessoas de todos os lugares do mundo, permitindo uma troca cultural muito significativa e gratificante.

Sou muito grata por ter tido essa experiência e aconselharia todo estudante, se possível, tê-la também! Além do conhecimento que adquiri nas aulas, a principal lembrança que levarei para a vida são os amigos que fiz durante o intercâmbio, que tornaram essa experiência ainda mais única e especial.

Além disso, o amadurecimento que adquiri foi fundamental na minha vida, tanto pessoal como profissional.

Concluindo, a minha vida acadêmica não teria sido a mesma se não tivesse realizado o intercâmbio, pois, além de vivenciar outras culturas, acrescentar conhecimentos na minha profissional e fazer novas amizades, ainda tive a oportunidade de viajar por vários países e realizar sonhos que não seriam possíveis até então caso não tivesse ido para Portugal.

PARTE 2

Nota: os relatos a seguir foram reunidos a partir de publicações do site da UFJF (<https://www2.ufjf.br/ufjf>), produzidas pela Diretoria de Imagem e compõe a série de matérias intitulada "Diário de Intercambista".



TEXTO 1:

História, cultura e paisagens incríveis: aluna conta sobre intercâmbio em Portugal

20 DE SETEMBRO DE 2017

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Com algumas das praias mais bonitas da Europa, a região do Algarve, situada ao sul de Portugal, será temporariamente a casa da aluna de Letras Polyana Láier. No "Diário de Intercambista", ela conta suas primeiras experiências em terras lusitanas, por meio do Programa de Intercâmbio Internacional de Graduação da UFJF. As aulas de Polyana começaram nesta semana, mas já deu para conhecer um pouco da capital e também sobre Faro, cidade onde irá estudar pelos próximos seis meses.

A primeira impressão: Lisboa

Cheguei em Lisboa há cerca de um mês. A cidade é cheia de vida e cultura, com ruas que lembram nossas pequenas cidades históricas de Minas, mas com prédios tão modernos que se igualam aos grandes centros urbanos das capitais do Brasil. Lisboa é ao mesmo tempo conservadora e moderna, silenciosa e barulhenta.

Na cidade de chegada, Polyana descobriu muita história e cultura pelas ruas de Lisboa (Foto: arquivo pessoal)



Há opções de hospedagem de acordo com as necessidades de cada um. Eu e alguns dos meus colegas de intercâmbio ficamos em um hostel no Bairro Alto, mais próximo ao centro. Visitamos os pontos turísticos da cidade de dia e saímos pelas travessas à noite. Também provamos o famoso Pastel de Belém (compramos em uma padaria que existe há mais de um século!).

Entre as atrações turísticas, visitamos a Praça do Comércio, o Mosteiro dos Jerónimos, o Castelo de São Jorge, o Padrão do Descobrimento e a Torre de Belém. Foram seis dias de muita caminhada e de muita história pelas ruas de pedra de Lisboa.

O transporte é bem tranquilo e barato, mas conseguimos fazer quase tudo a pé. Era melhor do que pegar um “autocarro”, como eles chamam os ônibus. Fomos de Norte a Sul e de Leste a Oeste e ainda assim sentimos que falta muito para se ver em Lisboa. Esperamos um dia poder voltar.

Finalmente Faro

A Universidade do Algarve (UALg) foi a que escolhi para o meu intercâmbio. Ela fica na cidade de Faro, a 280 km de Lisboa. A cidade é pequena com população em torno de 50 mil habitantes.

Aluguei um quarto aqui para ficar durante esse período de seis meses. A média de preço por quarto é de 200 euros mensais (cerca de R\$ 750) com as despesas inclusas, como água e energia, mas existem opções de alojamento oferecidas pela própria universidade que custam em torno de 127 euros (R\$ 476).

A UAlg é bem nova, possui menos de 40 anos desde a sua fundação, no entanto, tem índice de crescimento enorme em relação às demais faculdades do país. É uma universidade grande, com três campi em Faro e um em Portimão. Os campi em Faro são separados por área, o Campus Gambelas, onde estudo, é o mais distante da cidade e, por isso, tenho que pegar um autocarro todos os dias. O trajeto dura em média 20 minutos. Para o passe de autocarro, você deposita 28 euros (R\$ 105) e consegue ir e vir ilimitadas vezes durante o mês.

A UAlg é muito bem equipada. Todos os campi possuem bibliotecas, e a do campus Gambelas é uma das mais bonitas bibliotecas que já vi. Há bastante espaço para estudar, além de computadores para trabalhos e pesquisa. Possui a mesma logística da Biblioteca Central da UFJF com as salas de estudo e ambientes mais tranquilos para se ler e estudar.



A vida calma da cidade litorânea de Faro onde Polyana estuda (Foto: arquivo pessoal)

Cheguei em Faro no dia 31 de agosto. As aulas vão até dezembro com os exames em janeiro. Meu retorno para o Brasil está programado para fevereiro, após o fim do ano letivo. As aulas começaram nesta semana, no dia 18, mas já tivemos jantares e almoços de interação entre os colegas de faculdade, principalmente entre os intercambistas de outros países que vem estudar aqui na UAlg. Conheci poucos deles, por enquanto, dois da França e dois da Guiana Francesa (que amam o Brasil)

O Restaurante Universitário da UAlg lembra bastante o da UFJF, no entanto, é menor, e as senhoras distribuem os pratos já feitos. O campus aqui também possui áreas verdes mas menores do que as da UFJF. E não é possível fazer eventos, shows e atividades sociais como fazemos na UF. Para isso, eles costumam usar a praça da cidade que é bem central.

Já deu para perceber que os portugueses são diferentes dos brasileiros em suas relações interpessoais. São mais reservados, falam pouco e são mais diretos, diferentemente dos brasileiros que logo querem fazer a festa quando chega alguém. Claro, existem exceções, mas de uma forma geral, achei o povo português mais tranquilo do que a gente.

Todos devem pensar que eles comem muito bacalhau, e sim, eles comem mesmo. Ainda mais no Sul – e são deliciosos os pratos com bacalhau. Comem peixe em várias refeições, mas também feijão, arroz, bife acebolado e batata frita. Faro e Lisboa são cidades que recebem pessoas de diversas nacionalidades e culturas, que vêm somente estudar ou para construir uma vida. Então nada mais natural que ter feijão no mercado. Mas claro que não é o mesmo que o nosso feijão brasileiro.

Apesar de sentir falta do conforto da comida brasileira, experimentar os doces portugueses e a comida daqui não está sendo nenhum sacrifício. Pelo contrário.

Paisagens incríveis



A universidade organizou passeio para a cidade de Lagos, que tem as praias mais bonitas da região do Algarve (Fotos: arquivo pessoal)

Faro possui uma praia extensa e, apesar de menos movimentada, tem bares bem legais. À noite ou nas festas ao pôr do sol, escuta-se muito os hits brasileiros. Todos dançam empolgados como nós. Dá para ir a várias praias ao redor da cidade de barco ou de autocarro. Já deu pra conhecer um pouco e pegar o final do verão, quando a água do mar ainda não está tão fria.

A universidade também programou uma viagem para Lagos, no último fim de semana. Não tem como explicar a beleza das praias de Lagos. A cor da água beira o inacreditável. A intensidade das cores aqui em Portugal é absurda. O pôr do sol, às 20h, é tão cheio de cor e vida e reflete na água, formando em cada espaço, uma mistura diferente de tudo que já vi. Um guia local explicou que os rochedos e grutas de Lagos surgiram por influência de um terremoto que ocorreu em Portugal em 1755, cujo epicentro foi em Lisboa. Valeu muito a pena o passeio.

Enfim, como escreveu Saramago, "é preciso sair da ilha para ver a ilha". A ideia de que não conseguimos nos enxergar sem sairmos de nós sintetiza bem essa experiência e as descobertas pelo caminho.

TEXTO 2

Já pensou em fazer intercâmbio na Rússia? Esse é o destino do estudante Henrique Ayres

3 DE OUTUBRO DE 2017

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Nesta segunda edição do Diário de Intercambista, o estudante de Engenharia Mecânica Henrique Ayres compartilha suas histórias neste primeiro mês vivendo na Rússia. O destino menos usual era um sonho de criança, que ele começa a realizar. Henrique está em Tomsk, na Sibéria, a 3.600km de Moscou. No relato, as descobertas em relação ao idioma, ao clima, a cultura e até um passeio com banho de água congelante. Confere aí!



Desde que decidi vir para Rússia, ouço todos os dias a mesma pergunta: por quê? A resposta é bem simples: desde pequeno, quando era ginasta e me apaixonei por esse esporte, quis saber mais sobre esse enorme país e também sempre tive vontade de morar fora do Brasil. Esses dois sonhos se resumem neste momento, com a minha estadia em Tomsk, uma cidade no meio da Sibéria que te faz apaixonar por ela toda vez que você descobre uma rua ou um prédio novo..

Desde que decidi vir para Rússia, ouço todos os dias a mesma pergunta: por quê? A resposta é bem simples: desde pequeno, quando era ginasta e me apaixonei por esse esporte, quis saber mais sobre esse enorme país e também sempre tive vontade de morar fora do Brasil. Esses dois sonhos se resumem neste momento, com a minha estadia em Tomsk, uma cidade no meio da Sibéria que te faz apaixonar por ela toda vez que você descobre uma rua ou um prédio novo..

30 horas de viagem

Antes de contar sobre meu último mês aqui em Tomsk, preciso falar sobre a jornada para se chegar até aqui. Foram 30h de viagem no total, passando por Lisboa, Frankfurt, São Petersburgo, Moscou e, finalmente, chegando em Tomsk. Por incrível que pareça, essa era a passagem com o menor tempo de viagem.

A Sibéria me recebeu de braços abertos, com uma temperatura externa de 5°C. Confesso que não estava esperando por isso, carregava só um moletom, porque ainda estávamos no fim do verão. Mas, o frio foi passageiro, na tarde do mesmo dia a temperatura chegou a 25°C. Também fui recebido pela minha buddy, Natalia, que faz parte do BBC (Buddy Building Club), grupo que tem a função de integrar os alunos intercambistas das mais diversas universidades daqui.

Ela me ajudou bastante no processo de conhecer a cidade e enfrentar os primeiros desafios aqui.

A vida em Tomsk



A cidade de Tomsk tem 550 mil habitantes, possui arquitetura tradicional e moderna e por ela cruz o rio que dá nome à cidade (Foto: arquivo pessoal)

Essa é a minha primeira vez na Eurásia e simplesmente estou apaixonado. A cidade de Tomsk mescla muitos traços de arquitetura clássica, da influência soviética e também de elementos modernos, o que a torna única. Com 550 mil habitantes, a cidade é conhecida pelas várias universidades estaduais e por suas casas de madeira, que compõem grande parte da cidade

A TSPU (Tomsk State Pedagogical University) difere bastante da UFJF principalmente por não ter um campus, mas sim prédios espalhados pela cidade, entre eles, bibliotecas, salas de estudo, prédios esportivos. Cada um deles possui salas de aulas e diferentes departamentos. Dada a dificuldade inicial com a língua, resolvi pegar três aulas práticas, além das aulas de russo. Assim posso me acostumar aos poucos com os termos técnicos para no próximo semestre tentar assistir aulas mais específicas. Os professores são bastante atenciosos e pacientes, pois sabem que a língua não é fácil de aprender assim de cara.

Já na primeira semana, conheci vários outros membros do BBC: russos, franceses, poloneses, austríacos. Os nativos nos levaram para um tradicional encontro de começo de período realizado pelos alunos no meio de um bosque, na borda do rio Tom, que dá o nome da cidade. As paisagens da Sibéria são maravilhosas.

A recepção dos russos e dos outros europeus foi fantástica, todos bastante curiosos em relação ao Brasil, e claro, com perguntas sobre o futebol, o samba e o carnaval. Diferentemente do que sempre falam para nós, os russos não são frios. Todos que conheci eram muito animados e receptivos, sempre com um sorriso na cara e com a maior disposição para te ajudar com a língua e com o que precisar.

Confesso que não é fácil sobreviver só com inglês aqui, principalmente porque as aulas são em russo. Dentro do BBC, todos os membros falam inglês, então é tudo tranquilo, mas isso não se repete dentro do meio acadêmico. Por ser uma cidade cheia de estrangeiros, os comerciantes entendem um pouquinho de inglês, como palavras básicas, mas não tem como depender só do inglês.



Nas atividades de recepção aos intercambistas, passeios pela taiga russa e pelas margens do Rio Tomsk (Foto: arquivo pessoal)

Eu estudei russo por dois anos e, mesmo assim, o primeiro contato com a língua foi péssimo. Mas, com as aulas e o convívio com os amigos russos, já melhorei muito.

O dormitório da Universidade é um típico prédio soviético: sem luxos, mas ao mesmo tempo prático e com tudo que você precisa. Pago por mês 3850 rublos (R\$212) pelo quarto, e mais 300 rublos (R\$16) pela internet. Moro sozinho no quarto e o banheiro é compartilhado.

A vida na Rússia, com exceção de Moscou e São Petersburgo, é muito barata, principalmente pela crise econômica que vem afetando o país nos últimos anos. Com 20 mil rublos por mês (cerca de R\$ 1,1 mil) dá para levar uma vida muito confortável, saindo todo final de semana e comprando guloseimas, por exemplo. Muitos alunos vivem com cerca de 10 mil rublos por mês (R\$ 550) sem grandes dificuldades. Para comparar os preços, a passagem de ônibus custa 18 rublos, cerca de R\$1. Por 70 rublos (R\$3,80), dá para comprar uma caixa com oito chocolates Kinder. Já dá para imaginar o quanto estou comendo de chocolate aqui na Rússia.



Um dos pratos típicos é a Borsch, uma sopa de beterraba de sabor surpreendente (Foto: arquivo pessoal)

Falando em comida, o povo russo consome muita sopa. A mais tradicional é a Borsch (Борщ), feita com beterraba e carne bovina e servida com uma espécie de sour cream (Сметана). É surpreendentemente deliciosa. A proximidade com o Uzbequistão, o Quirguistão e a China, faz outro prato ser muito popular: o Lagman (Лагман). A sopa é feita de um macarrão caseiro, carne bovina e legumes. É o prato de todo dia, custa 75 rublos (menos de R\$5).

Balde de água fria

No último dia 6, por convite do BBC, fomos a um pequeno vilarejo chamado Talovskiye Chasi, em que pudemos fazer um passeio no meio de uma verdadeira floresta de taiga. Lá fizemos fogueiras, preparamos sopa e chá, hábito comum dos russos. Também teve um banho de água congelante, num frio de 8°C. A cultura nativa diz que melhora a saúde. Não queria sentir mais frio do que eu já estava, então, preferi continuar seco.



Nos dias 9 e 10 de agosto, foi comemorado o Dia do Cidadão de Tomsk (День Томича), que parou a cidade com atrações musicais, esportivas e culturais, além um tradicional desfile das universidades da cidade. A data é bastante esperada pela população da cidade. No próximo final de semana, estarei visitando a cidade de Novosibirsk, a maior cidade da Sibéria. Se quiserem saber mais da vida na Rússia, me adicionem no Facebook

(<https://www.facebook.com/henrique.ayres.3>)

ou me seguir no Instagram (@henripster).

Link para o vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=oBezDBtm8Hk&t=10s>

TEXTO 3

Meio mundo de distância

16 DE ABRIL DE 2018

Relações Internacionais

A escolha do destino de Letícia Corrêa, aluna da Faculdade de Direito, deixa muitas pessoas espantadas com tamanha coragem. Como o próprio título de seu Diário de Intercambista sugere, ela está realmente a muitos milhares de quilômetros do Brasil. De lá conta suas experiências vivendo em meio a cultura oriental.



Letícia Corrêa está em Chiba, no Japão, aprendendo o idioma e aperfeiçoando seus estudos (Foto: Divulgação/Letícia Corrêa)

A meio mundo de distância

Japão. Esse país maravilhoso do sol nascente tem sido minha casa por oito meses, mas ainda me pergunto se realmente estou aqui. Comecei a me preparar para o intercâmbio no 1º período da faculdade, foquei naquilo que precisaria para ser aprovada no processo seletivo. Quando falava para os colegas sobre meu destino, a reação era sempre a mesma: “Japão?!” Sim, não é o país de cultura, culinária e idioma mais fáceis, mas é muito desafiador. A experiência não tem deixado a desejar e vou poder contar minhas pequenas aventuras do dia a dia para o resto da vida.

Aventura

Cheguei no Japão uma semana antes da data exigida pela universidade, para que pudesse me adaptar ao novo ambiente e, principalmente, ao fuso horário: 12 horas de diferença. Era o final do verão com calor de quase 40° e muita umidade no ar. A cidade de Chiba é litorânea e fica pertinho da baía de Tóquio, por isso, a sensação térmica era como se eu estivesse na praia em janeiro, no Brasil. Mas, quando via aquela quantidade enorme de japoneses engravatados andando pela rua e eu, suando em bicas, nem acreditava que estávamos no mesmo universo.

Naquela semana foi anunciado que haveria um tufão passando pela cidade bem no dia em que faria minha mudança do hotel para o apartamento. Perguntei minha buddy (a universidade disponibiliza aos intercambistas um aluno japonês para te ajudar, desde a sua mudança até o começo das aulas) se deveria me preocupar. Ela disse que não, o vento não seria tão forte e não me impediria de fazer o trajeto.

O tufão chegou e, pra mim, o vento parecia bem forte. Se fosse no Brasil, ficaria com medo de sair de casa. Comecei a entrar em desespero, mas saindo da estação de trem, olho para o lado e vejo uma senhorinha de uns 85 anos de muleta, andando na rua como se o tufão fosse só aquele ventinho usado no filme da Marilyn Monroe. Foi um choque de realidade. Sendo uma sociedade que já lidou com diversos desastres naturais ao longo da história, eles são bem preparados para situações como essa e até mesmo as crianças sabem como agir. Quando as aulas começaram, várias orientações foram passadas aos intercambistas neste sentido, inclusive treinamento em caso de terremotos.

Organização e transporte

Chiba tem porte médio e fica a cerca de 30 minutos de trem de Tóquio. A cidade é linda, limpa, organizada, com diversas facilidades para os moradores como comércio central e transporte público de qualidade. Há também vários pontos turísticos em Chiba como seu monotrilho suspenso, o maior do mundo. Mas não dá pra descartar as idas a Tóquio, que é o coração do Japão. Se pudermos comparar com o Brasil, Chiba seria Juiz de Fora e Tóquio, o Rio de Janeiro.

O povo é muito organizado, eles procuram sempre manter o bem-estar dos outros ao redor e quase tudo funciona em harmonia. Os meios de transporte são limpos, bem mantidos e extremamente pontuais. Em Tóquio, onde serão as Olimpíadas de 2020, praticamente todas as estações de trem estão sendo reformadas para receber o público do evento e, mesmo em meio as obras, tudo é limpo e funciona com pontualidade e eficiência.



O monotrilho de Chiba, cidade de Letícia, permite vistas muito legais da cidade
(Foto: KoroKoroColon)

Estudo da língua

A Universidade de Kanda de Estudos Internacionais é uma universidade renomada e tem por foco o estudo de línguas estrangeiras. O aluno que escolhe o Japão para o intercâmbio deve ter em mente que o idioma ocupará a maior parte de seus estudos. Isso não impede de fazer outras matérias que a universidade oferece, como as voltadas para Relações e Políticas Internacionais e ministradas em inglês, por exemplo.

A Universidade facilita toda a vida estudantil para os intercambistas, inclusive o alojamento, que poderá ser em dormitórios ou em apartamentos. Tenho colegas de vários países asiáticos, europeus e americanos. Os professores estão sempre prontos para nos ajudar na sala de aula ou em eventos. A convite de um dos meus professores, participei de um evento na Casa Internacional do Japão sobre Democracia na Era Moderna, com representantes das universidades de Toronto, de Seoul e de Kyoto.

TEXTO 4

Aluna divide experiência de intercâmbio com vídeos direto da Polônia

9 DE MAIO DE 2018

RELAÇÕES INTERNACIONAIS



A aluna de Engenharia de Produção Laura Matos está levando a sério o sentido de troca e compartilhamento do programa de intercâmbio da UFJF. Para mostrar sua experiência na Polônia, criou um canal de vídeos sobre o lugar, a universidade, o alojamento, os passeios e as descobertas no velho mundo. O relato de Laura para o Diário de Intercambista é acompanhado, portanto, desses vídeos que dão uma ótima ideia sobre o intercâmbio neste destino pouco usual. Confere aí!

Você vai pra Polônia? Tak! Jestemtutaj! (Sim, aqui estou!)

Wroclaw ou Breslávia, em português, é uma cidade simplesmente apaixonante (e confesso que eu esperava por isso na Polônia). Não é à toa que ela foi eleita recentemente um dos melhores destinos Europeus. A cidade é completamente universitária, são mais de 130 mil estudantes, e também é turística. Seus lugares são sempre muito povoados e cheios de vida, até mesmo no inverno.

Wroclaw é uma cidade com muita história, fundada no século X. A região já pertenceu à República Tcheca, à Áustria e à Alemanha e, desde 1945, faz parte da Polônia. A cidade transpõe toda sua história: desde o nazismo à ditadura soviética. Um dos meus lugares preferidos, a Katedra, foi bombardeada em maio de 1945 pelo Exército Vermelho e uma de suas duas torres teve que ser reconstruída.

A Universidade de Ciência e Tecnologia de Wroclaw (Politechnika Wroclawska) é como um bairro universitário, no meio da cidade, com vários prédios, além de um deque na beira do rio e até um teleférico próprio.



Link para o vídeo: <https://youtu.be/tVeq1HQcTQg>

O que eu achei mais sensacional da universidade é que as aulas são divididas em cinco tipos: aula expositiva (Lectures), aula de exercícios (Classes), Seminários (Seminars), Projetos (Project) e Laboratórios (Laboratories). Então, por exemplo, ao me matricular em Logística, escolhi as aulas expositivas e as aulas de exercício (que são em horários diferentes e pode até ter professores diferentes).



Link para o vídeo: <https://youtu.be/qdaPolPwhwg>

A universidade possui muitos estudantes de fora, então não é nada difícil de cruzar com pessoas de nacionalidades completamente diferentes. Mesmo assim, sempre se assustam quando falo que sou brasileira: “Brasil, sério? E por que a Polônia?”.

Toda primeira semana de aula existe uma palestra com orientações gerais e, dentre as atividades, uma mesa só com alunas e alunos estrangeiros para contar sua experiência na Polônia. Eu, claro, não perdi a oportunidade de representar a América Latina nessa mesa durante a abertura do Semestre de Verão. Também participei do projeto “Erasmus in Schools” em que os estudantes estrangeiros vão nas escolas para contar sobre sua cultura e seu país.

A língua

Przepraszam, niemówiępopolsku! (Desculpe, não falo polonês!)

Não tenho nem palavras para descrever o quanto essa língua é complicada! São sete casos de declinação (variação do substantivo de acordo com gênero ou numeral, por exemplo). Em seis meses de aula, aprendi apenas dois. Apesar disso, saber as palavras básicas é suficiente para você conviver de forma educada no meio polonês – em que grande parte das pessoas, principalmente em Wroclaw, fala inglês.

Registros de viagens

Durante minha estadia em Wroclaw eu também gravei alguns vídeos sobre algumas viagens organizadas pela ESN (Erasmus Student Network), que auxilia os alunos estrangeiros. Nesta aqui, fomos ao campo de concentração de Auschwitz:



link para o vídeo: https://youtu.be/6BFSxwx_vCo

Se quiser conferir mais, é só passar lá no meu canal, chama "Po, Laura!"

-

TEXTO 5

Em intercâmbio, aluno estuda direito italiano e participa de reunião na ONU

12 DE DEZEMBRO DE 2017

RELAÇÕES INTERNACIONAIS



Ciao, bella Italia! Lá do país da bota, Alexandre Aguilar conta como tem sido sua experiência de intercâmbio estudando Direito em uma universidade de grande tradição. Mais do que conferir de perto as belezas, a história e a cultura italiana, ele está conseguindo se aperfeiçoar na sua área de interesse, o direito privado. E ainda teve a chance de dar um pulinho logo ali, em Genebra, para representar junto com a professora Manoela Roland, o Centro de Direitos Humanos e Empresas da UFJF em reunião na ONU. É muito orgulho desses intercambistas, não? Confere aí

Comecei a me preparar para a seleção do intercâmbio ainda no 2º período de Direito e, com o passar do curso, surgiu meu interesse pela Itália, mais especificamente pelo direito italiano. As leis italianas influenciaram o direito privado brasileiro e me fizeram escolher o país como destino para me aprofundar na área. Diversos autores italianos são citados nas aulas de Introdução ao Direito, Direito Civil e Direito Comercial como Pietro Perlingieri e o antigo professor da Universidade de Camerino, onde estou agora, Norberto Bobbio.

Camerino é uma comuna italiana situada na província de Macerata e tem aproximadamente 7 mil habitantes. A cidade está localizada bem no meio do país, a quatro horas de Roma e próxima ao litoral adriático. Camerino é marcada, sobretudo, pela Università degli Studi Camerino (Unicam), cuja fundação se deu ainda na Idade Média, em 1336.

A Unicam é ótima e bem acolhedora, principalmente, com os estudantes estrangeiros. A maioria dos moradores de Camerino é composta por jovens atraídos pelo ar de cidade pequena e pela fama da Universidade, considerada a melhor da Itália com até 10 mil estudantes. Além disso, o que eu considerei bem diferente, em comparação à UFJF, foi o fato de não haver um campus, como conhecemos no Brasil. A instituição conta com vários centros e faculdades espalhados pela cidade além de alojamentos estudantis que você pode escolher, dentre eles, o que fica mais cômodo e perto de seu curso.

A universidade permite a matrícula em matérias em inglês nos centros de exatas e biológicas e é normal encontrar e fazer amigos de culturas diversas. De certo modo, isso muda o seu modo de ver o mundo e de entender os valores dos outros. É desafiador aprender e se abrir para entender o outro com mais sensibilidade.

Na Scuola di Giurisprudenza (Escola de Jurisprudência/Direito), por outro lado, só é possível se matricular em disciplinas em italiano. Isso porque o que se preza aqui – e também em todos os cursos de direito em geral – é que você seja apto a aplicar as leis daquele determinado país, assim, o mínimo eu te pedem é a compreensão dos códigos e jurisprudências italianas.



Visão privilegiada na reunião das Nações Unidas (Foto: Arquivo Pessoal)

Não tem como falar sobre a Faculdade de Direito ou da minha estadia em Camerino sem mencionar o terremoto que devastou a cidade no dia 26 de outubro de 2016. Mesmo não tendo vítimas fatais, o terremoto causou sérios danos na parte histórica da cidade, onde ficavam alojamentos, o comércio e, inclusive, o Palazzo Ducale, lugar onde funcionava a Faculdade de Direito até a data do ocorrido. Militares italianos impedem a entrada de pessoas nas áreas de risco do centro histórico da cidade. O comércio foi transferido para outro local, os estudantes que moravam ali foram realocados pela universidade sem qualquer custo e as aulas de Direito estão acontecendo em outro prédio doado à faculdade até a finalização da restauração do Palazzo Ducale.

Além de ter conhecido e me encantado por Roma, logo que cheguei ao país, também fiz outra viagem muito marcante. Em outubro, fui até Genebra na Suíça com o Homa – Centro de Direitos Humanos e Empresas da UFJF, do qual faço parte no Brasil. A professora de Direito Internacional, Manoela Roland foi convidada como painelistas no Conselho de Direitos Humanos da ONU e tive, portanto, a oportunidade de representar o projeto nas Nações Unidas com a professora. Ver de perto como é difícil o acordo entre os países, os interesses contrastantes, acompanhar as discussões por quase 12 horas por dia durante uma semana foi cansativo, mas ao mesmo tempo engrandecedor, uma baita experiência não só curricular, mas de vida.



TEXTO 6

Aluna Vitória Acerbi conta como é respirar história e vivenciar o atual momento político da Espanha

9 DE NOVEMBRO DE 2017

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Já imaginou alguém apaixonado por história estudando em uma das mais antigas universidades da Europa? Por meio do Intercâmbio Internacional da UFJF, Vitória Acerbi está vivendo essa experiência, cursando parte de sua graduação na Universidad de Salamanca, na Espanha. Além da excelência e tradição ao alcance das mãos, Vitória está imersa em um momento político único enfrentado pelo país. Veja sua percepção no Diário de Intercambista.



Vitória não cansa de visitar a Catedral de Salamanca, uma das atrações da cidade (Foto: acervo pessoal)

Situada no noroeste da Espanha, a 2h30 de Madrid de um lado e a 1h da fronteira com Portugal de outro, Salamanca transpira séculos de história e conta com uma população de 150 mil habitantes, dos quais cerca de 35 mil são universitários. Por seu prestígio e tradição, a Universidad de Salamanca (Usal) recebe – além dos reis da Espanha em pessoa na abertura do ano letivo de seu oitavo centenário – muitos estudantes internacionais, o que faz com que minha experiência aqui seja multicultural.

Salamanca também é conhecida como “a cidade do espanhol”, porque a língua castelhana nasceu nas cercanias, dizem que aqui se fala “o castelhano mais puro da Espanha” e milhares de pessoas de todo o mundo vem pra cá estudar espanhol todos os anos nos vários centros de referência no ensino da língua.

Diariamente, encontro e converso com pessoas da Argentina, do México, do Peru, da Suécia, da França, da Irlanda, do Japão, da Coreia... As histórias que eles contam, os diferentes jeitos de cumprimentar, comer, vestir e sorrir, os idiomas e os sotaques fazem a gente perceber como é maravilhosa a diversidade humana, e o privilégio de experimentá-la. Ao mesmo tempo, também percebemos que, por mais diferentes, no fundo somos muito iguais. Uma contradição deliciosa.

Além desse lado interpessoal, a experiência de intercâmbio permite a gente mergulhar dentro de si mesmo e perceber com clareza como nós nos comportamos e reagimos nas diferentes situações. A gente brinca de ser criança de novo, vivendo cada sensação intensamente e vendo tudo com olhos de primeira vez. Estamos mesmo descobrindo um novo mundo – que, neste caso, com o perdão do trocadilho, é charmosamente velho. Tudo é novidade e até mesmo ligar uma máquina de lavar pode se tornar um curioso desafio.

Dia a dia e estudo

Ao chegar, fui muito bem recebida, com direito ao aconchego de um lar hispano-brasileiro e um almoço típico espanhol com paella. Já fiz bons amigos por aqui. Eles são gentis e prestativos, apesar do trato ibérico ser direto e seco com o qual a gente logo se acostuma. A dona do apartamento onde moro adora uma prosa e está sempre pronta a ajudar, a simples distância de “un mensajito” de Whatsapp.

Divido o apartamento com dois espanhóis e uma portuguesa por 170 euros mensais, com gastos incluídos. Existe a opção de residência estudantil, mas é mais cara, o triplo desse valor. Apesar de falar um pouco de português em casa, não me aborreço, porque todo o resto acontece apenas em espanhol, inclusive as aulas. Os professores são solícitos e pacientes para lidar com intercambistas, principalmente com aqueles que só falam inglês.

A estrutura da universidade é impecável, contando com restaurantes e bibliotecas enormes e muito agradáveis. Há opções de cursos de espanhol e outras línguas, atividades esportivas, como esgrima e tiro ao alvo, participação em programas de voluntariado, grupos de música e clubes de leitura, ciclos de cinema, teatro e concertos.

A Usal se espalha em alguns campus pela cidade, divididos por área de conhecimento, e seus prédios antigos são particularmente maravilhosos. Coisa de filme mesmo. O campus no qual estudo tem cursos de direito, ciência política, sociologia e economia e é próximo da minha casa – o que faz muita diferença quando você sai para aula e está entre 0°C e 2°C. Mas, para tristeza de um historiador, esse é o único campus com dependências modernas.

Estou explorando as interfaces da história com disciplinas dessas graduações. Elas são o forte da Universidade, reconhecida mundialmente pela formação que oferece nesses campos. O direito internacional, por exemplo, surgiu exatamente aqui, na época do encontro com a América.

Tradição e questões políticas

Já visitei Lisboa (que lindeza!) e um pouco da minha região de Castilla y León como Ávila, León, Ciudad Rodrigo, La Alberca e Madrid, claro, tão elegante capital, cheia de vida. Por acaso, lá presenciei uma das grandes manifestações pelo diálogo e pela unidade em relação à tentativa de independência catalã. O Palacio de Cibeles, sede da prefeitura de Madrid, estava circundado por um mar de gente em roupas brancas e bandeiras espanholas, pedindo principalmente por diálogo.



Em visita a Madri, Vitória Acerbi encontrou uma manifestação a favor da manutenção da unidade do país (foto: arquivo pessoal)

A questão mobilizou o país no último mês. Como a Espanha é um estado multinacional, com regiões tão distintas como a Catalunha, Galícia, País Basco, Andalucía, Valencia, algumas com até seu próprio idioma, o medo do efeito dominó é muito grande. Meus “compañeros de piso” (companheiros de quarto) não compram mais produtos catalães no supermercado, como maneira de boicotar a causa, e todos em geral têm opinião forte sobre o tema, de um lado ou de outro.

Para quem, como eu, se interessa por questões de política e opinião pública, este momento está oferecendo um prato cheio para análise. Estou aproveitando muito por estar imersa aqui e também pela grande quantidade de seminários, debates e palestras que a Universidade promove. Além da questão catalã, outros assuntos políticos também são debatidos como o Brexit e o futuro da União Europeia, as recentes crises latino-americanas, os desafios mundiais sobre a relação dos EUA com o México, a Coreia do Norte e a Rússia e os conflitos no Oriente Médio.

Não tenho um dia de marasmo ou de vazio aqui. Já me acostumei a fazer a siesta (que não é lenda, mas hábito real), e repouso junto com a cidade entre 14h e 16h. As aulas, as atividades acadêmicas extra-classe e culturais e a interação com a vibrante comunidade estudantil ocupam muito meus dias.

Entre as atrações da cidade, estão a sede dos arquivos do franquismo, visita obrigatória para qualquer historiador em formação que se preze, a catedral e os museus. São muitos: Museu Taurino, Museu de Salamanca, Museu do Comércio e da Indústria, Museu da Automoção, Casa Lis (encantadora e delicada com Art Déco e Art Nouveau) e Casa-museu Unamuno. Sem dizer, claro, de todo resto oferecido por Salamanca, essa poesia em pedra na qual adoro caminhar simplesmente e que me preenche com uma sensação de conto de fadas. Ah, Salamanca... ¡Mil gracias por todo! Vontade de ir embora? Nenhuma, nenhuma...

TEXTO 7

Alemanha além da Oktoberfest: aluno relata experiência de intercâmbio

19 DE OUTUBRO DE 2017 RELAÇÕES INTERNACIONAIS



Outubro na Alemanha não é só Oktoberfest não. O estudante de Ciência da Computação Warley Almeida acaba de começar as aulas por lá, na Universidade de Passau, na região da Baviera, onde ficará pelos próximos seis meses. Além de participar da tradicional festa alemã, já deu pra viajar um pouco, conhecer museus e cidades históricas e aprender mais o idioma. Teve até recepção do prefeito da cidade! Confere aí o relato do Warley e se inspire para participar do próximo edital de intercâmbio internacional da UFJF, o Piigrad.

A cidade dos três rios

Passau tem cerca de 50 mil habitantes e fica no sul da Alemanha, bem próxima da fronteira com a Áustria. É conhecida como Dreiflüssestadt – cidade dos três rios, por ser o local de união do rio Danúbio com os rios Inn e Ilz.

A parte histórica da cidade – chamada de Altstadt – lembra de certa forma as cidades tradicionais do interior de Minas Gerais. As construções, porém, são mais recentes do que imaginamos. Em 1662 houve um grande incêndio que consumiu praticamente todos os prédios e as igrejas mais importantes da cidade. Artistas italianos ajudaram na reconstrução e tornaram a arquitetura de Passau diferente da encontrada em outras cidades alemãs. Desde a reconstrução, a Catedral de St. Stephan possui o maior órgão de igreja de toda Europa.



Passau é destino turístico dos passeios de barcos pelo Danúbio, o segundo maior rio da Europa (foto: Warley Almeida)

Mesmo não sendo uma cidade tão grande, é um destino comum para pessoas que vivem na região da Baviera. Um dos principais atrativos turísticos são os passeios de barco pelo rio Danúbio, o segundo maior da Europa. Há também festivais de rua no verão que animam a cidade.

A Universität Passau conta com programas de graduação e pós-graduação nas áreas de Direito, Humanidades, Economia e Informática. Os universitários são parte expressiva da população da cidade, em torno de 15%. A universidade possui acordos bilaterais com diversas universidades do mundo e recebe, em média, 300 alunos estrangeiros por ano.

Embora seja relativamente nova, a universidade é muito organizada e possui infraestrutura de alta qualidade, com destaque para a equipe de relações internacionais. Os estrangeiros participam de encontros de orientação que tem por objetivo ajudá-los nos assuntos mais importantes e, ao mesmo tempo, ambientá-los na cidade.



A Universidade de Passau organizou uma viagem com os intercambistas para Berlim (Foto: Warley Almeida)

São oferecidos nessas semanas de preparação cursos intensivos de alemão; seminários sobre os sistemas de TI utilizados na universidade; tours pela cidade, pela universidade e pela biblioteca, além de viagens para algumas cidades alemãs. Também fomos recepcionados pelo prefeito da cidade e pela reitora da universidade.

Um aspecto muito importante nesse processo foi a presença do Tutorenbüro – uma sala onde veteranos ficam de plantão para nos auxiliar em todo tipo de situação como configurar a internet no celular ou preencher os formulários para moradia. Durante o semestre, vou cursar cinco disciplinas, duas de idiomas, dois seminários e uma aula.

Reciclagem levada a sério

Não foi muito fácil se acostumar ao estilo de vida alemão a princípio. O idioma intimida bastante, mas aos poucos está se tornando menos assustador e mais compreensível. Além de aprender a conviver com uma língua completamente diferente do português, também temos que aprender coisas do dia a dia que funcionam de forma muito diferente no Brasil.

Uma dessas principais diferenças é em relação ao lixo – os alemães levam muito a sério a reciclagem. Por exemplo, quando compramos qualquer tipo de líquido em garrafa plástica ou de vidro, vemos o valor do Pfand, que é o preço da embalagem separado do conteúdo. Depois de consumir o produto, você deve recolher a embalagem e retorná-la no supermercado em grandes máquinas. Isso gera um cupom com o valor que você pagou por elas, que pode ser usado como desconto na sua próxima compra.

Dentro de casa, é necessário dividir o lixo entre três tipos de resíduos: papéis, restos de embalagem e restos orgânicos. Já vidros, metais e restos de produtos eletrônicos não podem ser descartados em conjunto com o lixo de casa. Eles devem ser depositados em lixeiras especiais que existem nas ruas. Os vidros são, ainda, divididos com base na sua cor – branco, marrom ou verde.

A separação do lixo é lei e dá multa em caso de descumprimento. O sistema é um dos mais eficientes do mundo, além de gerar muitos empregos.

Outra questão estranha que aparece no dia a dia são os múltiplos idiomas. Embora o alemão seja a língua oficial, a região da Baviera possui seu próprio dialeto – o bávaro. É muito interessante ver como as pessoas mais tradicionais da região trocam com facilidade o alemão padrão usado nas relações profissionais pelo bávaro para relações interpessoais dentro do ambiente familiar. E mesmo sendo uma cidade pequena, grande parte dos comerciantes também conseguem se comunicar em inglês quando preciso.

Munique, Berlim e Áustria

Algo muito interessante aqui são os passes regionais, que dão direito a usufruir dos transportes públicos de algumas cidades e dos trens. São ótimos para fazerem viagens de bate e volta para cidades próximas. Esses passes ficam mais baratos quando são comprados em grupo: quando adquirido por cinco pessoas, saem por 10 euros por pessoa (cerca de R\$40).

Tive oportunidade de ir para Munique duas vezes com o Bayern Ticket. Além da Oktoberfest, pude conhecer os monumentos principais da cidade. Também tive oportunidade de ir até Linz, na Áustria. Ambas as cidades respiravam história, cercada de monumentos muito antigos que datam de impérios longínquos.

Também viajamos com a universidade para Berlim, visitamos alguns museus, fizemos um tour guiado pela cidade e participamos de uma palestra no Bundestag, o parlamento alemão. Também conhecemos a planta da BMW na cidade de Dingolfing.

Muito mais do que uma experiência acadêmica, essa chance de estudar na Alemanha já tem deixado claro avanços no âmbito pessoal que são marcantes na minha vida. Acredito que a bagagem construída até aqui me dará suporte suficiente para continuar lidando com todas as experiências que o intercâmbio pode proporcionar.



Na visita à capital, Warley participou de uma palestra no parlamento alemão (Foto: Warley Almeida)

Créditos das imagens

P.7 - Imagem de Gordon Johnson por Pixabay. Disponível em <https://pixabay.com/pt/vectors/internacional-mundo-bandeiras-1751293> Capturada em 20 de agosto de 2023.

P. 11 - Imagem de Liferforstock por Freepik. Disponível em https://www.freepik.com/free-photo/gyeongbokgung-palace_3799918.htm Capturada em 22 de agosto de 2023.

P.12 - Imagem de arquivo pessoal de Jeferson Martins

P.13 - Imagem de Ellenwhyte por Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/cuenca-espanha-panorama-cidade-4997168> Capturada em 22 de agosto de 2023.

P.15 - Imagem de arquivo pessoal de Leticia Ribeiro do Valle Arruda Câmara

P.16 - Imagem de Burghard Mohren por Pixabay. Disponível em <https://pixabay.com/pt/photos/filad%C3%A9lfia-estrada-eua-261125> Capturada em 22 de agosto de 2023

Pp.17-18 - Imagem de arquivo pessoal de João Pedro Peters Barbosa

P. 19 - Imagem de Wikilmages por Pixabay. Disponível em <https://pixabay.com/pt/photos/comboio-ferrovia-transporte-60539> Capturada em 22 de agosto de 2023.

P.20 - Imagem de arquivo pessoal de Fabrício Lima da Silva.

P. 21 - Imagem de Volker Schmid por Pixabay. Disponível <https://pixabay.com/pt/photos/pa%C3%ADs-passau-cidade-passeio-interno-7807346> Capturada em 23 de agosto de 2023

P. 26 - Imagem de arquivo pessoal de Iago de Almeida Oliveira.

P. 27 - Imagem de Bartłomiej Koc por Pixabay. Disponível em <https://pixabay.com/pt/photos/o-arco-do-triunfo-paris-fran%C3%A7a-498310> Capturada em 23 de agosto de 2023

P. 30 - Imagem de arquivo pessoal de Bruno Eduard de Oliveira Brugnara.

P. 34 - Imagem de arquivo pessoal de Jaqueline de Oliveira Moreira.

P. 37 - Imagem de arquivo pessoal de Marianna Oliveira Sales Esperidião.

P. 40 - Imagem de Life of Wu de Pexels por Canva. Disponível em <https://www.canva.com/photos/MADyRJNmX0M> Capturada em 01 de agosto de 2023

P. 41 - Imagem de arquivo pessoal de Charlie Milo Bergo.

P. 43 - Imagem de arquivo pessoal de Lais Silveira Martins.

P. 45 - Imagem de arquivo pessoal de Hugo Nogueira Rocha.

P. 47 - Imagem de Carlos Paes por Pixabay. Disponível em <https://pixabay.com/pt/photos/azenhas-do-mar-portugal-mar-2276991> Capturada em 25 de agosto de 2023.

P. 48 - Imagem de arquivo pessoal de Beatriz Corrêa Thomé de Deus.

Pp. 53 e 54 - Imagem de arquivo pessoal de Bianca Maciente Colvara.

P. 59 - Imagem de arquivo pessoal de Eliza Feres de Moura Botelho.

Pp. 60, 61, 62 e 63 - Imagem de arquivo pessoal de Igor Sanches Marini.

P. 64 - Imagem de arquivo pessoal de Leticia da Silva Fernandes.

P. 67 - Imagem de arquivo pessoal de Luma Perobeli.

P. 70 - Imagem de arquivo pessoal de Maria Clara Alves de Rezende Rocha.

P. 73 - Imagem de arquivo pessoal de Maria Fernanda Sena Gusmão.

P. 74 - Imagem de arquivo pessoal de Paola Cumani Brion

Parte 2- Diários de Intercambistas publicados na página da UFJF

FONTE:

Texto 1: <https://www2.ufjf.br/noticias/2017/09/20/historia-cultura-e-paisagens-incriveis-aluna-conta-sobre-intercambio-em-portugal>

Texto 2: <https://www2.ufjf.br/noticias/2018/05/09/aluna-divide-experiencia-de-intercambio-com-videos-direto-da-polonia>

Texto 3: <https://www2.ufjf.br/noticias/2018/04/16/a-meio-mundo-de-distancia>

Texto 4: <https://www2.ufjf.br/noticias/2018/05/09/aluna-divide-experiencia-de-intercambio-com-videos-direto-da-polonia>

Texto 5: <https://www2.ufjf.br/noticias/2017/12/12/em-intercambio-aluno-estuda-direito-italiano-e-participa-de-reuniao-na-onu>

Texto 6: <https://www2.ufjf.br/noticias/2017/11/09/aluna-vitoria-acerbi-conta-como-e-respirar-historia-e-vivenciar-o-atual-momento-politico-da-espanha>

Texto 7: <https://www2.ufjf.br/noticias/2017/10/19/a-alemanha-alem-da-oktoberfest-aluno-relata-experiencia-de-intercambio>